



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: UM MERCADO EM EXPANSÃO**  
**PARA O PRODUTOR EDITORIAL**

Glaucia Cristina dos Santos Cruz

Maurício de Moraes Rêgo Soares

Rio de Janeiro/ RJ  
2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: UM MERCADO EM EXPANSÃO**  
**PARA O PRODUTOR EDITORIAL**

Glaucia Cristina dos Santos Cruz

Maurício de Moraes Rêgo Soares

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Produção Editorial.

Orientador: Prof. Dr<sup>a</sup> Cristina Jasbinschek Haguenauer

Rio de Janeiro/ RJ  
2013

**COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: UM MERCADO EM EXPANSÃO**  
**PARA O PRODUTOR EDITORIAL**

Glaucia Cristina dos Santos Cruz

Maurício de Moraes Rêgo Soares

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Produção Editorial.

Aprovado por

---

Prof. Dr<sup>a</sup> Cristina Jasbinscheck Haguenauer – orientadora

---

Prof. Ms Andréia Resende

---

Prof. Dr. Paulo César Castro de Souza

Aprovada em:

Grau:

Rio de Janeiro/ RJ  
2013

CRUZ, Glaucia Cristina dos Santos Cruz; SOARES, Maurício de Moraes Rêgo.

Comunicação Científica: um mercado em expansão para o produtor editorial / Glaucia Cristina dos Santos Cruz; Maurício de Moraes Rêgo Soares – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2013.

Número de folhas (67 fls.).

Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2013.

Orientação: Cristina Jasbinschek Haguenauer

1. Comunicação Científica. 2. Periódico Científico. 3. Produção Editorial. I. CRUZ, Glaucia Cristina dos Santos Cruz; SOARES, Maurício de Moraes Rêgo (Cristina Jasbinschek Haguenauer) II. ECO/UFRJ III. Produção Editorial IV. Comunicação Científica: um mercado em expansão para o produtor editorial

## DEDICATÓRIA

Dedicamos esse trabalho a Renato Luis dos Santos Cruz (*in memoriam*), cientista com alma de criança, criança com alma de cientista.

## AGRADECIMENTO

São muitas as pessoas a agradecer.

Em primeiro lugar a nossos pais – Euzi, Gaspar (*in memorian*), Elita e Wanderley - por sempre terem insistido na importância da formação acadêmica.

Ao nosso filho, Iran, por seu bom humor e incentivo diário.

À nossa orientadora Cristina Haguenuer, por suas valiosas intervenções.

Aos professores da ECO que passaram por nossas vidas e influenciaram nossas ideias: Maura Sardinha, Luiz Fernando Perazzo (*in memorian*), Ilce Cavalcanti, Maria Helena Ferrari, Ivana Bentes, Ilana Strozenberg, Antônio Fatorelli,

Aos amigos que fizemos na ECO e que nos acompanham até hoje: Milena, Mariana, Elke, Rodrigo, Juliana, Rosa, Jair, Otávio, Paulinho, Martinha, Célia Regina, Michele, Gabriela, Joe (*in memorian*).

Aos espaços da Praia Vermelha que povoam nossas lembranças: o Laginho, o Sujinho, o CA, o DCE, o bar do seu Astério, o Teatro de Arena, a Capela, o Campão, o Pinel e seus malucos belezas.

Ao prof. Eduardo Refkalefsky e aos funcionários Henrique e Rosângela, pelo apoio na reintegração à UFRJ e à Alda Almeida, Mário Feijó e Victa Carvalho pela grande ajuda nessa fase final.

A ciência, como um todo, nada mais é do que um refinamento do pensar diário.

(Albert Einstein)

CRUZ, Glaucia Cristina dos Santos; SOARES, Maurício de Moraes Rêgo. **Comunicação Científica**: um mercado em expansão para o produtor editorial. Orientador: Cristina Jasbinschek Haguenauer. Rio de Janeiro, 2013. Monografia (Graduação Em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 69 fls.

## RESUMO

Esta monografia aborda o mercado de produção de periódicos científicos como uma possibilidade de atuação para o profissional de produção editorial. Apresenta o periódico científico como o principal instrumento de comunicação científica. Mostra que o Brasil tem apresentado um enorme crescimento no número de títulos, impulsionado pelas atuais exigências de produtividade acadêmica e pela busca de melhores índices de desempenho dessas publicações. Oferece um panorama da atividade de produção desse produto editorial tão específico. Apresenta as dificuldades do editor de periódicos científicos, devido à falta de uma formação especializada, para atender das exigências diárias na produção desse veículo. Para tanto, foi utilizada uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, na qual foi feita uma coleta de dados por meio de entrevistas para perceber, a partir da percepção de editores acadêmicos, profissionais de editoras comerciais, grandes e pequenas, e quais as oportunidades que o produtor editorial pode ter nesse segmento. Concluiu-se que o mercado está em franca expansão no Brasil, porém sem que o profissional de produção editorial tenha a necessária visibilidade pelos *players* desse mercado. As competências do produtor editorial relacionadas a produtos digitais são percebidas como de grande valor, sendo necessário um maior conhecimento do mercado editorial de periódicos científicos por parte do produtor editorial.

**Palavras-chaves:** Comunicação Científica, Periódicos Científicos, Produtor Editorial



## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	10
1.1 Justificativa .....	11
1.2 Objetivos .....	12
1.2.1 Objetivo Geral .....	12
1.2.2 Objetivos Específicos .....	12
2 METODOLOGIA.....	14
3 VISIBILIDADE E QUALIDADE: UMA NÃO VIVE SEM A OUTRA .....	16
3.1 Breve Histórico .....	16
3.2 Quantidade x Qualidade: o Crescimento da Comunicação Científica no Brasil ..	20
3.3 Visibilidade .....	22
3.4 Qualidade .....	23
3.5 Indexação: visibilidade e qualidade no mesmo pacote .....	25
3.5.1 Sistema Qualis.....	25
3.5.2 Scientific Electronic Library Online (SciELO).....	28
3.5.3 ISI-Web of Knowledge .....	29
3.6 Os Desafios para a Qualidade e Visibilidade de um Periódico Científico .....	30
3.6.1 Publish and perish .....	30
3.6.2 O Papel do Editor: entre o Feijão e o Sonho .....	32
4 PRODUZINDO UM PERIÓDICO CIENTÍFICO .....	35
4.1 O Mercado Editorial de Periódicos Científicos .....	43
4.2 Perspectivas para o Produtor Editorial.....	47
4.3 A visão dos profissionais que atuam mercado .....	49
4.3.1 Marcio Zeppelini (Zeppelini Editorial) .....	50
4.3.2 Patrícia Logullo (Palavra Impressa Editora) .....	52
4.3.3 Gilberto Luis Camanho (Revista Brasileira de Ortopedia) .....	54
4.3.4 Eduardo Henrique Diniz (Revista de Administração de Empresas) .....	57
5. CONCLUSÃO.....	59
REFERÊNCIAS .....	61
ANEXOS .....	67

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho partiu de dois eixos teóricos principais. O primeiro – ciência e comunicação – discute como a comunicação científica, por meio dos periódicos, se configura como um dos principais meios para dar visibilidade aos pesquisadores com a publicação de seus trabalhos. O segundo – produção editorial e periódicos científicos – partiu da reflexão em torno do grande crescimento das revistas científicas brasileiras e da necessidade de profissionalização das etapas de produção do periódico científico para a sustentabilidade desse produto editorial tão específico.

Entende-se que os resultados de investigações científicas têm a potencialidade de gerar novos conhecimentos em pesquisas posteriores. Contudo, isso só se efetiva se esses resultados forem comunicados, pois um conhecimento novo que não é comunicado tende a desaparecer. Em razão disso, segundo Meadows (1999), a Comunicação situa-se no próprio coração da Ciência. Nessa perspectiva, o processo de comunicação exerce papel-chave no campo científico, e é por meio dos periódicos científicos que o saber se torna público, ao possibilitarem a disseminação ampla e relativamente rápida dos resultados da pesquisa.

Além disso, a publicação assegura a autoria e legitima os direitos dos cientistas, servindo como um registro da memória da Ciência (SECAF, 2004). Como afirmam Sampaio, Sabadini e Linguanotto (2002), “a revista científica, ao divulgar resultados de pesquisas, assegura ao pesquisador o direito sobre suas ideias e experiências científicas” (p. 188).

Fachin e Hillesheim (2006) apresentam um levantamento histórico de conceitos de ‘periódico’, ‘publicação periódica’ e ‘publicação seriada’ encontrados na literatura, partindo do ano de 1962, com as Normas de Catalogação de Impressos da Biblioteca Apostólica Vaticana, até chegar à definição da ABNT: os periódicos científicos são todos ou quaisquer tipos de publicações editadas em números ou fascículos independentes, não importando a sua forma de edição, ou seja, seu suporte físico (papel, CD-ROM, bits, eletrônico, on-line), mas que tenham um encadernamento sequencial e cronológico, sendo editadas, preferencialmente, em intervalos regulares, por tempo indeterminado, atendendo as normalizações básicas de controle bibliográfico.

A cada novo número, os periódicos publicam artigos e outros textos que são passíveis de descrição referencial normalizada em coleções e índices bibliográficos e,

principalmente, de ser citados por outros artigos. Assim, os periódicos e os índices bibliográficos estruturam dinamicamente o fluxo da comunicação da pesquisa.

No Brasil, há uma pressão muito grande para a criação de novos periódicos. Segundo Meneghini (2012):

“a Capes faz um esforço louvável de melhorar os cursos de pós-graduação, mas uma das coisas que ela exige e coloca em primeiro plano é a publicação de artigos por esses cursos. Há muitas áreas, principalmente as humanas, que não têm a tradição nem o traquejo de publicar internacionalmente, mas são obrigadas a publicar artigos e criam seus próprios periódicos. É difícil saber o número exato de periódicos que existem no Brasil, mas acredito que esteja em torno de 3 mil ou 4 mil.”

O cenário da comunicação científica no Brasil está em processo de mudanças, estando as questões de visibilidade, acesso e internacionalização de conteúdos na ordem do dia para a definição de estratégias e políticas públicas para a área de Ciência, Tecnologia e Inovação. As exigências mercadológicas e de saberes específicos, além de um quadro de responsabilidades que ultrapassam a organização e acompanhamento das etapas de avaliação e publicação, como planejamento, administração e, ainda, de distribuição e marketing, entre outros, têm colocado o editor numa encruzilhada diante da pouca disponibilidade de meios de profissionalização.

### 1.1 Justificativa

O panorama atual dos periódicos brasileiros, alcançando grande destaque no cenário científico interno, e uma estrutura de caráter nacional que sustenta a sua editoração e publicação evidenciam progressos na política, gestão, infraestrutura e capacidade da comunicação científica, apesar do seu desempenho internacional limitado. O desafio principal que se apresenta é alavancar sua qualidade e, consequentemente, sua visibilidade. A superação desse desafio também envolve o melhoramento do conjunto de periódicos considerados de qualidade, de modo a posicioná-lo como referência em suas respectivas áreas. Packer (2009) propõe que as condições políticas e de infraestrutura estão dadas, embora os problemas a superar sejam vários: a dispersão das entidades de editoração e publicação; a persistência de amadorismo e corporativismo nas políticas, gestão e operação dos processos editoriais; a reduzida cooperação internacional na editoração dos periódicos e autoria dos artigos; a publicação predominante em português; e a resistência de pesquisadores e gestores da ciência em valorizar os periódicos nacionais.

Para Meneghini (2012), é hora de mudança:

(...) para você ver o desprezo dos órgãos de financiamento pelas publicações no Brasil, eles dão em conjunto cerca de 5 milhões de reais por ano para 300 ou 400 periódicos, o que não passa de 20 mil reais para cada um. O gasto do Brasil com revistas científicas pelo CNPq e Capes é menos que 0,5% do dinheiro total para pesquisa. Nos Estados Unidos, o investimento é cerca de quatro vezes maior que isso. É um problema sério, pois precisamos aprender a fazer revistas. Porque fazer revista não é só uma forma de escoamento científico, é uma etapa importante do fazer ciência. Você melhora o artigo, percebe coisas sobre a pesquisa quando escreve, o editor propõe ajustes. Podemos melhorar a ciência do laboratório, mas temos que melhorar também a prática de fazer revistas de qualidade.

O produtor editorial pode ter um papel relevante nesse cenário, ao utilizar seu conhecimento especializado para o aprimoramento e sustentabilidade desse produto editorial tão específico. Ao se pensar no papel do editor, surgem as seguintes questões: de que recursos e ferramentas ele dispõe para lidar com essa nova carga de responsabilidades e desempenhar uma atividade igualmente exigida e em constante processo de atualização e avaliação? De que meios de formação e atualização profissionais ele dispõe para se situar em um mercado em franca expansão e que exige competências e habilidades crescentes? É dessa fricção entre o desejo de publicar e ser publicado e o árduo dia-a-dia da produção de uma revista científica que surgem oportunidades de mercado para o produtor editorial.

## 1.2 Objetivos

Os objetivos do presente trabalho foram divididos em geral e específicos.

### *1.2.1 Objetivo Geral*

Contribuir para o entendimento sobre o processo de produção editorial dos periódicos científicos brasileiros, produto editorial esse com aspectos formais muito específicos.

### *1.2.2 Objetivos Específicos*

a) mostrar o periódico como um instrumento de comunicação científica e a necessidade de profissionalização da produção desse instrumento para alcançar mais qualidade e visibilidade;

- b) apresentar um panorama da atividade de produção de periódicos científicos;
- c) identificar oportunidades no mercado de periódicos científicos a partir da percepção dos profissionais da área de periódicos científicos.

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa de caráter exploratório configura este estudo, pois auxilia o pesquisador a solucionar e/ou aumentar sua expectativa em função do problema determinado (TRIVINÕS, 1987). Richardson (1999) também afirma que “quando não se tem informação sobre determinado tema e se deseja conhecer o fenômeno”, este tipo de estudo é o exploratório. Gil (1999) complementa que “este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis”.

Na análise de dados, foi utilizada a abordagem qualitativa, uma vez que se pretendia levantar informações que pudessem ser relevantes na compreensão do objetivo apresentado por meio de entrevistas com editores e profissionais de editoras do mercado de periódicos científicos. Strauss e Corbin conceituam pesquisa qualitativa como:

(...) qualquer tipo de pesquisa que produz descobertas não obtidas por procedimentos estatísticos ou outros meios de quantificação. Pode se referir à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções, sentimentos, assim como funcionamento organizacional, fenômenos culturais e interações entre as nações (...) e a parte principal da análise é interpretativa (1998, p.10-11).

Como instrumento de pesquisa, optamos por realizar a entrevista por pauta, semiestruturada, utilizando um roteiro de perguntas abertas, dando a possibilidade de o entrevistado escolher o caminho e as dimensões que deseja trilhar. Foram apresentados três categorias de assuntos aos sujeitos das entrevistas e o roteiro de perguntas está disponível no Apêndice. Vale ressaltar, todavia, que, foram acrescentadas outras perguntas de acordo com o rumo que cada entrevista apresentava. Apesar de ter um roteiro de perguntas previamente elaborado, o entrevistador deve ter a flexibilidade de modificar o curso da conversa caso seja necessário e interessante.

As entrevistas foram todas gravadas em áudio. Elas aconteceram em um período de dois meses, entre julho e novembro de 2013, com duração de 30 a 45 minutos cada uma.

Foram selecionados editores acadêmicos, proprietários de pequenas editoras comerciais e editores de grandes empresas editoriais, questionando-os quanto à

percepção sobre o panorama atual da produção de revistas científicas bem como a inserção do trabalho do produtor editorial nesse meio.

Valorizamos a multidisciplinaridade nas entrevistas, ao selecionar sujeitos de diferentes especialidades – produtores editoriais, profissionais de Letras, jornalistas, pesquisadores acadêmicos – e diversos níveis de experiência profissional; o número final de entrevistados se deu exclusivamente pela obtenção de resposta positiva em participar da pesquisa.

Todo método de pesquisa tem suas limitações. Uma delas foi a necessidade de se entrevistar os participantes por telefone - devido a todos serem de cidades distantes da residência dos pesquisadores -, o que impedia que a entrevista se estendesse por mais tempo.

Os entrevistados das editoras comerciais também não puderam detalhar vários aspectos da produção e de seu portfólio de revistas científicas por não terem autorização para a divulgação de certas informações da empresa.

### 3 VISIBILIDADE E QUALIDADE: UMA NÃO VIVE SEM A OUTRA

A qualidade dos periódicos científicos brasileiros é avaliada levando-se em consideração vários aspectos, principalmente sua inclusão em bases indexadoras e o índice de impacto da respectiva base. As indexações em bases consideradas importantes e relevantes para cada uma das áreas do conhecimento proporcionam maior visibilidade ao periódico e, em sua maioria, se utilizam de critérios próprios para a inclusão desses periódicos no que tange a sua consistência metodológica, a atualidade de conhecimento novo e de relevância para ciência (CRUZ, 2011). Ou seja, quanto maior a qualidade de um periódico, maiores as chances de aumentar a sua visibilidade e, quanto mais visível um periódico, maiores são as chances de atrair bons trabalhos.

Mas antes de aprofundarmos nessa questão, entendemos ser fundamental contextualizar nosso objeto de análise: um gênero de publicação que circula em um espaço social singular – a comunidade científica – e que se configura segundo estruturas e funções surgidas há mais de 300 anos.

#### 3.1 Breve Histórico

As contribuições científicas começaram a surgir nas universidades europeias no século XVII, organizadas pelas sociedades científicas, que se caracterizavam por reunirem pesquisadores que debatiam temas de interesse comum. Patrocinadas pelas universidades, essas sociedades tinham por objetivo oferecer um canal de divulgação e discussão de novos conhecimentos, de modo a facilitar a troca de informações. Muitas das sociedades científicas conquistaram um considerável número de adeptos, aperfeiçoando-se e adquirindo credibilidade frente à comunidade científica, e assim tornaram-se organizações mais estruturadas (BOMFÁ, 2009).

A comunicação entre cientistas e escritores alcançou considerável número de adeptos, o que provocou a necessidade por um meio de comunicação mais eficaz do que a comunicação oral, ou a correspondência por meio de cartas e atas manuscritas. Surgem, então, na segunda metade do século XVII, os primeiros periódicos científicos (MEADOWS, 1999; BARRADAS, 2005).

As duas primeiras revistas científicas publicadas no mundo foram o *Journal des Scavans*, editada pelo francês Denis de Sallo em 1665, que tinha por objetivo informar sobre livros editados na França e divulgar experiências científicas. No mesmo ano, a



*Royal Society of London* editou o *Philosophical Transactions*, que se propunha a divulgar correspondências trocadas entre os membros da sociedade e seus colegas europeus.

De acordo com Freitas (2005, p. 27), uma série de fatores colaborou para o florescimento e desenvolvimento do periódico científico até a modernidade, a partir do modelo europeu. Entre eles:

O afrouxamento da censura religiosa sobre o conhecimento que se produzia, que em muitos pontos não condizia com o conhecimento veiculado pela Igreja, e, por conseguinte, diminuía o poder eclesiástico sobre os indivíduos; o afrouxamento do poder real sobre as agremiações científicas, que viam nelas o desenvolvimento de adversários políticos e também porque colocavam em questão muitas das verdades e decisões dos soberanos; o desenvolvimento das técnicas tipográficas e da comercialização de livros; e as grandes modificações práticas que proporcionaram o novo conhecimento, foram fundamentais para um novo formato de fazer e divulgar ciência no mundo moderno.

Assim, o periódico científico surge com a proposta de difundir a informação, mediante a publicação regular em fascículos.

Segundo Stumpf (1997), somente a partir do XIX os periódicos foram reconhecidos como registro oficial da comunicação científica, ao adquirirem as características atuais e passarem a substituir o livro. A substituição do livro pelo periódico deveu-se pela insatisfação por parte da comunidade de pesquisadores, que alegava a falta de prioridade para as descobertas científicas e o alto custo da produção, causado pelo grande volume de textos, encarecendo e dificultando a impressão.

Conforme Miranda e Pereira (1996), o periódico científico “transformou-se, de um veículo cuja finalidade era publicar notícias científicas, em um veículo de divulgação do conhecimento que se origina das atividades de pesquisa” (p. 375). Esse processo foi gradual e as mudanças nas características dos periódicos desde seu início, incessantes.

No Brasil, os primeiros periódicos científicos datam do início do século XIX – após a chegada das primeiras tipografias ao país trazidas pela Corte portuguesa – com o surgimento de “jornais literários”, quase todos com vida editorial muito breve:

Os “jornais literários” traziam artigos técnico-científicos redigidos na linguagem própria da ciência, com várias observações sobre experimentos realizados, gráficos, tabelas e fórmulas. Traziam também vários artigos traduzidos de outros periódicos estrangeiros, comentários de outras obras e resumos de textos. (...). Muitas outras publicações, indexadas como “científicas”, eram divulgadoras de breves notícias científicas. Outras ainda, indexadas como periódicos de “ciência política”, eram publicações de cunho

político, conforme se verificou, e não de “ciência”. (FREITAS, 2006, p. 57 e 64-65).

Já no século XX, com o advento das tecnologias de comunicação e informação (TICs) a partir da década de 1980, as publicações eletrônicas, primeiro em suportes físicos como disquetes e CD-ROMs, e posteriormente online, tornaram-se correntes, sendo que grande parte das editoras científicas internacionais, universidades e bibliotecas apresentaram projetos em publicações eletrônicas. Os primeiros autores a conceber a ideia do periódico publicado em meio eletrônico foram Sondak & Schwartz, em 1973, cuja intenção era oferecer arquivos para bibliotecas que poderiam ser lidos em computadores, e em microfilmes para assinantes individuais (LANCASTER, 1995).

As TICs colaboraram com o sistema de comunicação científica, principalmente devido aos altos custos das assinaturas de periódicos científicos impressos que provocaram uma crise na década de 1980 nos Estados Unidos, impedindo as bibliotecas universitárias americanas de manterem suas coleções. A partir daí, iniciou-se o processo de aceitação dos periódicos eletrônicos, surgindo, nos anos de 1990, os primeiros periódicos disponíveis em rede, mudando por completo o acesso à informação científica (MUELLER, 2006).

Mesmo havendo ainda falhas na digitalização, padronização, indexação e recuperação da informação, são fundamentais os avanços da comunicação científica eletrônica, se comparados com a forma tradicional que existia até então. Weitzel e Ferreira mencionam que:

Uma das primeiras evidências das transformações que as tecnologias digitais e eletrônicas trouxeram e trazem no âmbito da comunicação científica está na possibilidade tecnológica de publicação de textos científicos na internet ampliando tanto o alcance quanto o potencial de cada texto publicado. (WEITZEL; FERREIRA, 2005, p. 2).

Essa disponibilidade online de estoques informacionais abriu novos caminhos para a comunicação científica, tanto para fins de armazenamento quanto para disseminação e acesso à informação, dinamizando assim o processo de comunicação científica.

O Acesso Aberto (OA, sigla em inglês para *Open Access*) vem somar ao modelo tradicional de comunicação científica, com as facilidades que as TICs proporcionam. Interoperabilidade, ou seja, compatibilidade para intercâmbio de dados, preservação em longo prazo e acesso universal à informação são princípios do OA (SAMPAIO; SERRADAS, 2009), que teve início nos anos 1990. Na Declaração de Budapeste, de

2001, e em outras declarações que se seguiram para ampliar o debate, o acesso aberto à literatura científica foi definido como:

sua disponibilização gratuita na Internet, para que qualquer usuário possa ler, fazer download, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou referenciar o texto integral dos documentos; processá-lo para indexação, utilizá-lo como dados de entrada de programas para softwares, ou usá-lo para qualquer outro propósito legal, sem barreira financeira, legal ou técnica. A única restrição é sobre a reprodução e distribuição, e o único papel do copirraite é garantir aos autores o controle sobre a integridade de seu trabalho e o direito à propriedade intelectual e de citação (DECLARAÇÃO DE BUDAPESTE, 2005).

O Movimento do Acesso Aberto também se apresenta como uma reação ao modelo atual de negócio das editoras comerciais. O preço elevado das assinaturas das revistas, a imposição de aquisição por pacotes, a falta de remuneração para os editores, autores e consultores *ad hoc* foram algumas das razões para a insatisfação da comunidade científica.

Um dos fundamentos tecnológicos do OA é a Iniciativa de Arquivos Abertos (*Open Archives Initiative* [OAI])<sup>1</sup>, uma organização que desenvolve e promove a interoperabilidade (ou compatibilidade) entre sistemas, ou arquivos, e sua preservação em longo prazo. Na OAI, identificamos três elementos essenciais:

- os provedores de dados que disponibilizam informações estruturadas de acordo com metadados padronizados e reconhecidos internacionalmente, como por exemplo o *Dublin Core*<sup>2</sup>. Isso significa que textos completos podem estar em diferentes formatos e localizações, mas se usarem metadados padronizados tornam-se interoperáveis;
- os provedores de serviços que recolhem informações de diversos provedores de dados para construir serviços de busca mais refinados e completos;
- o OAI-PMH (*Open Archives Initiative Protocol for Metadata Harvesting*), uma linguagem baseada em http e xml, criada para a extração normalizada de metadados e seu intercâmbio entre os diversos provedores.

O OA promove a ampla disponibilização e distribuição da informação científica publicada sob duas vertentes: em revistas de acesso aberto (*Open Access Journals*, em inglês), conhecida como via dourada; ou em repositórios institucionais ou temáticos, conhecida como via verde, no qual o periódico tem acesso controlado.

Os repositórios têm como função armazenar, preservar e divulgar os documentos gerados pela comunidade científica. Pode-se destacar como objetivos específicos dos

---

<sup>1</sup> <http://www.openarchives.org/>

<sup>2</sup> <http://dublincore.org/>

repositórios: a) dar acesso a documentos gerados pelas instituições de ensino e pesquisa; b) proporcionar a criação de indicadores de produção científica; c) contribuir com o registro e a preservação da memória técnico-científica nacional.

No Brasil, está em tramitação no Senado Federal o PLS, Nº 387 de 2011, que dispõe sobre o processo de disseminação da produção técnico-científica pelas instituições de ensino superior no país. O projeto propõe que as instituições de educação superior de caráter público, bem com as unidades de pesquisa, construam repositórios institucionais de acesso livre, nos quais deverão ser depositados o inteiro teor da produção técnico-científica conclusiva dos estudantes aprovados em cursos de mestrado, doutorado, pós-doutorado ou similar, assim como da produção técnico-científica, resultado de pesquisas científicas realizadas por professores, pesquisadores e colaboradores, apoiados com recursos públicos para acesso livre na rede mundial de computadores; entende-se por produção técnico-científica monografias, teses, dissertações e artigos publicados em revistas, nacionais e internacionais, com revisão por pares<sup>3</sup>. Esse projeto de lei representa um marco do acesso aberto na América Latina, pois o Brasil é o primeiro país da região a propor um mecanismo legal dessa natureza.

### 3.2 Quantidade x Qualidade: o Crescimento da Comunicação Científica no Brasil

A produção científica brasileira teve o terceiro maior crescimento mundial nas duas últimas décadas, segundo dados da revista *Pesquisa Fapesp*. Enquanto o número de artigos publicados por pesquisadores norte-americanos, por exemplo, cresceu 41,51% nas últimas duas décadas, a produção brasileira aumentou 403,49%, ficando atrás somente da China e da Coreia do Sul.

Os periódicos brasileiros também alcançaram nos últimos anos um nível de indexação consistente e compatível com a produção científica brasileira no cenário internacional, destacando-se entre os países em desenvolvimento e emergentes. Ocupam posição de liderança na comunicação científica em acesso aberto – a coleção da SciELO, por exemplo, ocupa o primeiro lugar no ranking da *Web of World Repositories*<sup>4</sup>,

---

<sup>3</sup> <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/461698.pdf>

<sup>4</sup> [http://repositories.webometrics.info/en/top\\_portals](http://repositories.webometrics.info/en/top_portals)

conhecido como *Webometrics* – e contribuem para aumentar progressivamente o multilinguismo<sup>5</sup> na comunicação científica nacional.

Desde 2009, os periódicos científicos brasileiros já são responsáveis por publicar mais de um terço da produção científica do Brasil segundo os índices bibliográficos *Web of Sciences* (WoS), *Journal Citation Reports* (JCR) e *Scopus*, que são referência internacional para a medida da produção científica dos países. Ao alcançar esse marco, contribuíram decisivamente para que o Brasil viesse a ocupar a 13ª posição no ranking internacional de produção científica, medido pelo número de artigos publicados.

Contudo, o desempenho médio dos periódicos brasileiros nos rankings internacionais baseados em citações recebidas é ainda muito inferior ao dos periódicos dos países desenvolvidos, afetando o fator de impacto (FI)<sup>6</sup> da pesquisa brasileira como um todo. Embora parte desse desempenho seja explicável pelos fatores clássicos que influenciam a prática das citações, existe espaço e necessidade para o aumento do desempenho dos periódicos brasileiros nos rankings internacionais, já que os periódicos nacionais continuam sendo a segunda opção de publicação dos pesquisadores que querem ver seus trabalhos lidos e citados (PACKER, 2009).

Na coleção de mais de nove mil títulos do JCR, por exemplo, o desempenho relativo dos periódicos brasileiros no âmbito das respectivas áreas temáticas é baixo, com apenas 10% dos títulos com FI acima da mediana, ou seja, maior que 1, o que significa ser citado uma vez. Comparado com outros países, o Brasil supera o Chile (que tem 5%), México (6%), Índia (4%) e África do Sul (9%), iguala-se à Espanha (11%), mas está bem abaixo da China (17%), Coreia do Sul (20%), França (21%) e Japão (20%)<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Os periódicos brasileiros vêm progressivamente criando as condições e adotando soluções para potencializar o multilinguismo na comunicação científica brasileira, seja com o número crescente de periódicos que passam a publicar exclusivamente em inglês; que adotam a contratação de serviços especializados para a tradução e aprimoramento do inglês; que optam pela publicação multilíngue de todos ou parte dos artigos em português e inglês e, em alguns casos, também em espanhol; e a opção pela publicação exclusiva em português, mas com a tradução do título e do resumo para o inglês.

<sup>6</sup> Desenvolvido por Eugene Garfield, em 1960, o fator de impacto é um instrumento importante para avaliar os periódicos científicos indexados no ISI. Este índice é calculado a partir de duas variáveis: a) o número de artigos publicados em dois anos consecutivos anteriores e b) o número de citações destes artigos no ano corrente. O resultado desse cálculo oferece parâmetros estatísticos que ajudam a avaliar a importância e relevância relativas de um periódico e, desde a criação desse índice, tem alcançado grande aceitação na comunidade científica internacional, embora represente apenas um dos vários mecanismos por ela utilizados para estimar os níveis de qualidade, alcance e visibilidade dos trabalhos publicados e das revistas especializadas, em comparação com outras publicações do mesmo campo científico disponíveis em base de dados (GOMES, 2009).

<sup>7</sup> Dados de *Journal Citation Reports* de 2010, citado por Packer (2009).

Para Packer (2009), a perspectiva de aprimorar a inserção dos periódicos brasileiros nas coleções internacionais se apresenta à primeira vista exequível, mas também desafiante, por tratar-se de uma coleção jovem que se ressentia de histórico de visibilidade pelo pouco tempo de exposição e pelo predomínio de artigos em português.

### 3.3 Visibilidade

A visibilidade é inerente ao contexto da comunicação científica, a qual representa o grau de evidência das informações, o poder de influenciar e ser acessado pelo público-alvo. Assim, quanto mais visível um periódico, maior será a visibilidade dos seus atores: instituição, pesquisador, avaliador, área de pesquisa, artigos (PACKER; MENECHINI, 2006).

Segundo os autores, a visibilidade dos periódicos acontece de duas maneiras: ao ser referência de qualidade e credibilidade e ao ser indexado em índices de prestígio internacional e nacional. Na verdade as duas formas não vivem separadamente, pois só um periódico com qualidade reconhecida na comunidade científica será aceito para indexação. A indexação, hoje, não é apenas um termo que designa “a representação temática do conteúdo de um documento mediante a atribuição de descritores”, também pode ser traduzido como “o sonho de todo editor” (SAMPÃO; SABADINI, 2009). Visibilidade, qualidade e credibilidade são, portanto, características fundamentais para os periódicos mais conceituados no meio científico.

Packer e Meneghini (2006) também destacam alguns atributos e indicadores que contribuem para a visibilidade de um periódico:

- publicadores: os publicadores responsáveis e representantes do periódico são um indicador da representatividade e prestígio do periódico;
- equipe editorial: o prestígio e o reconhecimento dos integrantes do corpo editorial (editores e avaliadores), junto à comunidade científica;
- autores de instituições e regiões diversificadas: determinam a abrangência do periódico;
- periódico eletrônico de acesso livre: são requisitos primordiais para a visibilidade e acessibilidade do periódico;
- os periódicos que utilizam diversos idiomas para a publicação dos artigos têm a possibilidade de maximizar a visibilidade do periódico.
- indexação em índices em índices de resumo;

- estatísticas que evidenciam os acessos e downloads dos trabalhos;
- número de citações: a citação comprova que o periódico é lido e que os artigos são reconhecidos pela comunidade científica. O crescimento do número de citações e o fator de impacto indicam que a visibilidade do periódico também está em crescimento.

A visibilidade do Brasil na produção científica evidencia-se quando o país começa a gerar indicadores de qualidade em relação aos produtores de ciência no mundo. Nos últimos anos, os números revelaram sim um grande crescimento quantitativo, mas que não teve grandes efeitos na qualidade das publicações científicas, segundo Meneghini (2011):

A avaliação mais próxima desse atributo se faz pelo número médio de citações aos artigos, utilizando bases internacionais de indexação. Na mais prestigiosa, a Thomson-Reuters-ISI, o Brasil se encontra na 13ª posição em número de artigos publicados e na 35ª posição em citações por artigo; em resumo, relativamente bem em produtividade, mas mal em qualidade.

### 3.4 Qualidade

Para que determinado autor obtenha reconhecimento da sua pesquisa é fundamental selecionar periódicos para divulgação com abrangência e qualidade científica, considerados no meio científico e de preferência reconhecidos internacionalmente. Neste aspecto, Volpato (2007) assegura que publicar em periódicos sem qualidade científica serve para constar no currículo, porém não contribui nada em termos científicos.

Pode-se dizer que a publicação por si só não garante a qualidade do conhecimento, sendo crucial que o mesmo desperte questionamentos em outros pesquisadores, promova novos trabalhos e, assim, contribua para o desenvolvimento da área.

Dentre os quesitos relevantes para a qualidade de um periódico estão: a publicação de bons artigos, corpo editorial reconhecido, periodicidade regular, abrangência do acesso aos artigos, os quais possibilitam a inclusão em bases indexadas, ampliando sua visibilidade.

A qualidade, portanto, está relacionada às expectativas dos usuários, os quais avaliam criticamente o rigor metodológico do conteúdo, bem como a apresentação, de acordo com os “ritos e rigores da comunidade científica” (BARBALHO, 2005). Isso

porque, ao ser enviado a um periódico, o manuscrito é submetido à revisão pelos pares e sua aprovação só se dá caso atenda critérios mínimos de excelência.

De acordo com Burnham, a disseminação da prática de revisão por pares ocorreu a partir do século XX, após a II Guerra Mundial, devido ao crescimento exponencial do número de pesquisadores, à fragmentação da ciência em subdisciplinas e ao desenvolvimento de vocabulários específicos (PESSANHA, 1997).

O processo de avaliação consiste no encaminhamento do artigo para no mínimo dois avaliadores (*referees*, em inglês) e para um terceiro, caso não haja consenso. A ideia por trás da análise dos pares é liberar o processo de publicação das preferências de um indivíduo particular, tornando-o questionável à comunidade de pares como um todo (SABATINNI, 1999).

Além disso, o sistema de revisão por pares atua como uma ferramenta de covalidação, necessária para o estabelecimento do reconhecimento e dos próprios resultados, dentro da comunidade científica. A revisão supõe a superação de uma crítica severa, realizada por especialistas, e a aceitação das próprias limitações, na forma de erros e desvios, um processo pelo qual os conhecimentos são postos a prova.

Também cabe destacar que esse filtro funcionaria como uma resistência à pressão por publicar produzida pelo sistema científico-acadêmico. Os periódicos de referência nas diferentes disciplinas, por exemplo, operam normalmente com um índice de rejeição de mais de 50% dos manuscritos submetidos.

Outra característica positiva deste sistema é o reconhecimento favorável por um grande número de cientistas, que consideram que quase todos os artigos publicados melhoram durante o processo de aceitação, favorecendo a qualidade da pesquisa (SABATINNI, 1999).

Publicar artigos, atualmente, é prova de atividade científica e acadêmica, o que pode garantir uma boa avaliação do pesquisador pelas universidades e agências de fomento – avaliação essa que varia de acordo com o periódico em que se publica o artigo. A preocupação com a avaliação da produção científica é, portanto, o resultado do aumento da produção e publicação de artigos que reflete a concorrência no mundo científico.

No entanto, muitas vezes o fato de passar por revisão não significa que a informação científica ali vinculada seja original ou de boa qualidade. Esse processo tradicional de aferição de qualidade parece passar por uma crise metodológica, com a observação da existência de falhas, como a não detecção de erros em artigos científicos



e a seleção de trabalhos conforme a avaliação de parâmetros como a posição acadêmica, currículo científico, e sexo do pesquisador, além da predominância geográfica e linguística da ciência anglo-saxã (SABATINNI, 1999).

### 3.5 Indexação: visibilidade e qualidade no mesmo pacote

Uma maneira de avaliar a qualidade de um periódico científico consiste em medir o interesse pela publicação. Uma forma muito difundida de se fazer essa avaliação é por meio da quantidade de citações.

Conforme já dito, o processo de indexação é forte indicador para o reconhecimento da qualidade de um periódico. Para que isto seja efetivado, a revista precisa adequar-se aos critérios formais e de conteúdo estipulados pelas bases. Pertencer aos índices de referência, isto é, estar indexado, é essencial para que os periódicos e a pesquisa que comunicam integrem de modo sistemático a memória e os fluxos de informação científica e sejam, portanto, habilitados a participar dos processos de recuperação e avaliação de informação científica. Essa capacidade diferenciada que a indexação concede aos periódicos é conhecida também como visibilidade (SAMPAIO; SABADINI, 2009). Serve também como referência de prestígio e qualidade para os periódicos e da pesquisa que comunicam, e constituem uma das pedras angulares da comunicação científica. Os periódicos brasileiros, assim como os dos países em desenvolvimento, enfrentam há longo tempo o desafio de integrar a sua produção nos índices que estruturam o fluxo internacional de informação científica, aumentando assim progressivamente a sua visibilidade.

#### 3.5.1 Sistema Qualis

O Sistema Qualis foi implantado em 1998 e desde então vem sendo utilizado pela Capes como um instrumento na composição de indicadores fundamentais para a avaliação do nível de pós-graduação no Brasil. Segundo a Capes (2010), um programa de pós-graduação que possui uma boa produção intelectual dificilmente apresenta problemas nos demais aspectos da avaliação, sendo consideradas publicações científicas os artigos publicados em periódicos, livros, capítulos de livros, trabalhos completos em anais de congressos e produtos patenteados ou não, bem como softwares e equipamentos para ensino e pesquisa.

Na definição da Capes (2013), o Qualis é:

o conjunto de procedimentos utilizados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. Tal processo foi concebido para atender as necessidades específicas do sistema de avaliação e é baseado nas informações fornecidas por meio do aplicativo Coleta de Dados. Como resultado, disponibiliza uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da sua produção. A estratificação da qualidade dessa produção é realizada de forma indireta. Dessa forma, o Qualis afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção, a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, periódicos científicos.

Os periódicos avaliados pelo Qualis são indicados pelos programas de pós-graduação anualmente na Coleta de Dados da Capes e, assim que chegam à instituição, são reunidos em uma base de dados que é analisada por uma comissão de consultores, membros da própria comunidade científica, de acordo com suas respectivas áreas. Os veículos de divulgação citados pelos programas de pós-graduação são enquadrados em categorias indicativas de qualidade.

Para pertencer ao Qualis o periódico precisa apresentar registro no ISSN; publicar as normas editoriais para submissão dos artigos; ter um conselho editorial com os nomes dos *referees*; manter periodicidade constante; artigos resultantes de pesquisas científicas; autores vinculados a diversas instituições.

O objetivo do Qualis quando criado era o de qualificar os periódicos utilizados no âmbito dos programas de pós-graduação para diferenciar sua produção. Entretanto, a partir da sua divulgação e da interpretação dada por algumas áreas, o sistema incorporou progressivamente outras finalidades, relevando ainda mais sua importância: tem servido como uma ferramenta para auxiliar na concessão de financiamentos, para a inclusão de títulos em bibliotecas e indexadores, para orientar pesquisadores e leitores durante a escolha de títulos na submissão de seus trabalhos ou pesquisar material bibliográfico de relevância, e para estimular editores a elevar o padrão de qualidade dos periódicos científicos (FRIGERI, 2012). Segundo a autora, o Qualis é um indicador que incita a publicação em periódicos enquadrados nas categorias mais valorizadas pela área de conhecimento e indica para os programas de pós-graduação quais os periódicos de maior relevância em sua área. Dessa forma o sistema se apresenta não somente como um indicador científico, mas também como uma política ativa capaz de influenciar os rumos das pesquisas científicas.

Essa política acabou suscitando muitos questionamentos acerca de sua utilização, tais como o uso de índices quantitativos e comparação dos periódicos nacionais com periódicos internacionais, por isso o sistema Qualis vem passando por

processos de reformulação acompanhando as mudanças nos processos de avaliação da pós-graduação.

(...) a Capes detectou problemas no sistema Qualis. Em algumas áreas, houve uma concentração excessiva de revistas na classe internacional A, considerada de maior prestígio. Periódicos nitidamente nacionais foram classificados como internacionais. Em consequência, o sistema perdia a capacidade de distinguir o ótimo do bom ou mesmo, o que é mais grave, o bom do ruim. Nesse contexto, voltar-se-ia à condição original de mera contagem de artigos publicados. Assim, a Capes achou que o modelo vigente estava exaurido e necessitava de reformulações (CAMPOS, 2010, p:480).

A reformulação veio com a alteração para os conceitos A1 (o mais elevado), A2, B1, B2, B3, B4, B5, C (com peso zero), utilizada atualmente, e a restrição da quantidade de periódicos nos estratos mais elevados. Segundo Frugeri (2012), essa restrição apresenta um caráter indutor claramente definido, com o Sistema não se limitando a analisar apenas onde a área publica, mas indicando também onde se deve publicar. Com isso, a Capes espera que o Qualis ofereça um cenário mais amplo das publicações que considera relevante.

Abaixo estão os critérios definidos para a área de Ciências Aplicadas I<sup>8</sup>:

A1: periódicos científicos indexados na base Web of Science e/ou JCR Social Sciences,

A2: periódicos científicos indexados nas bases Scopus e/ou SciELO.;

B1: Indexação em uma das seguintes bases: LATINDEX (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal); REDALYC (Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal); DOAJ (Directory of Open Access Journals), para periódicos eletrônicos; CLACSO (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales); CLASE (Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades).

B2/B3: Periódico publicado por instituição com pós-graduação stricto sensu, ou sociedade científica de âmbito nacional ou internacional reconhecida pela coordenação de área, ou por instituição profissional de âmbito nacional, ou instituição de pesquisa, ou ser publicada com apoio da Capes, CNPq ou financiamento estatal; publicação de artigos cujos autores doutores sejam vinculados a instituições diferentes daquela que edita o periódico, por volume; periodicidade e acessibilidade; número de artigos publicados pela área no triênio 2007/2009 e em 2010

---

<sup>8</sup> Compreende as áreas da Ciência da Informação, Comunicação e Museologia.

B4: publicação de artigos com um número mínimo de autores doutores pertencentes a diferentes instituições daquela que edita o periódico; periodicidade e acessibilidade; alguma pertinência à área Ciências Social Aplicadas I.

B5: os periódicos que atenderam aos critérios mínimos exigidos para um período científico, mas não podem ser considerados como relevantes para a área, a saber: editor responsável; comissão editorial que auxilie o editor na tomada de decisões; conselho consultivo formado por pesquisadores de diferentes instituições; registro de ISSN; linha editorial definida (expediente: missão, foco temático, periodicidade e forma de avaliação/revisão); normas de submissão claras; periodicidade regular definida; avaliação dos originais realizada por membros do conselho consultivo ou pareceristas *ad hoc*; publicar contribuições na forma de artigos assinados; indicar a titulação e afiliação institucional dos autores; indicar a titulação afiliação institucional dos membros do conselho consultivo ou dos pareceristas *ad hoc*; título, resumo e palavras-chave no mínimo em dois idiomas, sendo um deles na língua do periódico; data de recebimento e aceitação de cada artigo.

### 3.5.2 *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*

A SciELO<sup>9</sup> é um modelo para a publicação eletrônica cooperativa de periódicos científicos na Internet, especificamente desenvolvida para atender às necessidades da comunicação científica nos países em desenvolvimento e na América Latina e Caribe. O modelo visa assegurar a visibilidade e o acesso universal a sua literatura científica.

O propósito da SciELO é desenvolver uma metodologia comum para a preparação, armazenamento, disseminação e avaliação da produção científica em formato eletrônico. A implementação da biblioteca eletrônica busca proporcionar um amplo acesso a coleções de periódicos como um todo, aos fascículos de cada título de periódico, assim como aos textos completos dos artigos. O acesso aos títulos dos periódicos e aos artigos pode ser feito por meio de índices e de formulários de busca. Os critérios para a inclusão de periódicos científicos na base Scielo são:

- caráter científico: devem publicar predominantemente artigos originais, entendidos como artigos inéditos de pesquisa científica original em suas áreas específicas;

---

<sup>9</sup> [http://www.scielo.br/avaliacao/criterio/scielo\\_brasil\\_pt.htm](http://www.scielo.br/avaliacao/criterio/scielo_brasil_pt.htm)

- arbitragem por pares (*peer review*, em inglês): a revisão dos manuscritos submetidos a um periódico deve ser realizada por pares cujos pareceres apoiam os editores dos periódicos no processo de aprovação ou rejeição. O periódico deve especificar formalmente qual o procedimento seguido para a avaliação de um manuscrito e a sua aprovação ou rejeição. O processo de arbitragem deve ser documentado. É obrigatória a indicação, nos artigos, das principais datas do processo de arbitragem, incluindo as datas de recepção e de aprovação;
- conselho editorial: os integrantes do conselho editorial devem ser cientistas e especialistas reconhecidos na área de conhecimento do periódico, de origem nacional e internacional, com afiliação institucional devidamente identificada na publicação. No momento da submissão ao SciELO, deve-se especificar o desempenho factual dos editores e dos assessores *ad hoc*, com dados numéricos que deixem clara esta atuação. Periódicos que possuem um conselho editorial com integrantes ligados predominantemente a uma instituição ou a uma região geográfica não serão admitidos.
- periodicidade: a periodicidade, incluindo o número de artigos publicados por ano, é um indicador do fluxo da produção científica e os valores de referência dependem da área temática na qual o periódico é classificado. É também um indicador relacionado com a oportunidade e velocidade da comunicação;
- tempo de existência: o periódico deve ter, pelo menos, quatro números publicados;
- resumo, palavras-chave e título em inglês: os artigos devem conter título, resumo e palavras-chave no idioma do texto do artigo e no idioma inglês, quando este não é o idioma do texto. A qualidade do idioma utilizado nos textos é também considerada como um critério de indexação.
- normalização bibliográfica: O periódico deve especificar a(s) norma(s) seguida(s) para a apresentação e estruturação dos textos e para a apresentação de referências bibliográficas e descritores, de modo que seja possível avaliar a obediência às normas indicadas. Embora se recomende a adoção de uma norma para as referências bibliográficas - tal como APA, ABNT, ISO, Vancouver - serão aceitas outras normas, desde que esteja claramente indicado o formato bibliográfico a ser obedecido pelos autores.

### 3.5.3 ISI-Web of Knowledge

Foi fundado em 1958, por Eugene Garfield, com o nome de *Institute for Scientific Information* (ISI). Em 1992, foi adquirido pela *Thomson Reuters Corporation*, quando passou a ser chamada de *ISI-Web of Knowledge*.

A disseminação do ISI e se deu com base em duas premissas: trabalhos semelhantes apresentam referências comuns; publicações importantes são frequentemente citadas. Com a ISI, a citação tornou-se então um produto de mercado e o grande marco foi o lançamento do *Science Citation Index*, pela ISI, em 1963.

O Instituto criou, ao longo dos anos, uma série de base de dados, cuja principal informação é a indexação das citações. *Web of Knowledge* é uma dessas bases, e é considerada das mais importantes bases de dados existentes no mundo. Permite a recuperação de trabalhos publicados nos mais relevantes periódicos internacionais, em todas as áreas do conhecimento, apresentando as referências bibliográficas citadas nos mesmos, e remetendo ainda, aos trabalhos que os citaram.

*Web of Science* (WoS) é outra interface de pesquisa criada pela ISI em 1997, que fornece diversos serviços como base de dados bibliográficos, em três índices de citações - *Science Citation Index* (SCI), *Social Science Citation Index* (SSCI) e *Arts & Humanities Citation Index* (AHCI) -, contando com mais de 16 mil publicações indexadas.

ISI também publica, anualmente, o *Journal Citation Reports* (JCR), dedicado ao cálculo e operação online das medidas bibliométricas, como o Fator de Impacto e o Índice  $H^{10}$ , e rankings atualizados do desempenho dos periódicos, autores, instituições e países. O JCR serve de consulta para pesquisadores, instituições e agências de fomento, ao mapear e quantificar a dinâmica da atividade científica, tanto em termos dos meios de publicação quanto em termos dos agentes produtores de conhecimento científico.

A análise de citações como método de pesquisa, apesar de ser muito difundida, também é passível de críticas pelos pesquisadores. Entre os problemas estão citação tendenciosa ou preconcebida; autocitação e a existência de área em que os autores tradicionalmente não citam as fontes que utilizam.

### 3.6 Os Desafios para a Qualidade e Visibilidade de um Periódico Científico

#### 3.6.1 *Publish and perish*

Com o surgimento de novos programas de pós-graduação em nível nacional e a criação de institutos e centros de estudos e pesquisas, a procura crescente por meios

---

<sup>10</sup> Indicador que busca medir a relação entre a produtividade e o impacto dos cientistas. Mede o número de artigos publicados por um pesquisador que obtenham um total de citações igual ou superior a h.

eficazes para publicação dos resultados dessa produção de conhecimento tem gerado uma nova demanda por veículos especializados de divulgação, feito surgir e desaparecer revistas ao longo dos anos e criado um workflow nunca experimentado na história da comunicação científica. Não há editor que não tenha conhecido ou ouvido falar de alguma dessas “falências editoriais” ou mesmo transposição definitiva para plataformas eletrônicas, como estratégia para escapar da extinção.

Gomes (2009) menciona o constante surgimento e desaparecimento de revistas institucionais como uma rotina na história das revistas científicas no Brasil:

Martins (2001, p. 327) observa o que chama de “curtos-circuitos” dessas publicações, cuja facilidade de surgimento decorria (...) da impressão fácil e mão de obra pouco dispendiosa, despesas inicialmente garantidas tão-só com o pagamento de assinaturas. Com a alta do papel e a profissionalização do setor gráfico, apenas as associações puderam manter seus periódicos, valendo-se de anúncios pagos pelos laboratórios farmacêuticos.

Apesar dos “curtos-circuitos”, o número de novas publicações não para de crescer. Em 2009, o então ministro da Educação, Fernando Haddad, anunciou, conforme matéria na Folha de São Paulo<sup>11</sup>, que a produção científica brasileira cresceu 56% de 2007 a 2008, segundo a base internacional de dados ISI, com o Brasil passando de 15ª para a 13ª colocação no ranking mundial de artigos publicados em revistas especializadas.

Segundo Góis (2009), o argumento do ministro Haddad era de que contribuíram para esse resultado o aumento do número de mestres e doutores no Brasil, que saiu de 13,5 mil para 40,6 mil de 1996 a 2007, e o crescimento das bolsas concedidas pela Capes, de 19 mil para 41 mil no mesmo período. Meneghini (2009) aponta outra razão para esta mudança de status:

Muitas hipóteses foram levantadas, havendo até colegas que ironizavam ser um evento raro de desova de artigos científicos engavetados, como a desova de tartarugas marinhas. Por estar numa função que permite maior descortínio da produção científica, a explicação para o fato não me demorou. A base de dados Web of Science-ISI, utilizada nessa pesquisa, mostrou, sim, um aumento que o Brasil liderou: o de revistas científicas nacionais indexadas nessa base.

Para Gomes (2009), mais revistas nacionais indexadas no ISI resultam em aumento da quantidade de produção científica brasileira nessa base de dados, sem, contudo, significar uma melhora qualitativa do desempenho internacional das revistas brasileiras, principalmente no que diz respeito ao fator de impacto, uma vez que a

---

<sup>11</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u561181.shtml>

política da ISI tem sido somente ampliar o universo das revistas indexadas do ponto de vista geográfico e temático.

Esse rápido crescimento quantitativo na produção científica brasileira reforça, para a dinâmica editorial das publicações especializadas, a necessidade pela busca na melhoria da qualidade editorial, seja na forma e no conteúdo, dos periódicos nacionais e assim, alcançar um padrão de qualidade internacional.

Ferreira e Krzyzanowski (2003) atestam que:

(...) o crescente aumento do número de publicações científicas em diferentes suportes tem preocupado os profissionais que se interessam pela qualidade da informação, sejam eles autores, editores, publicadores, centros de documentação, bibliotecas ou pesquisadores.

Várias razões poderiam ser apontadas como origem de problemas que concorrem para minar as “expectativas de vida” de uma revista científica, independente do suporte que utiliza, entre elas: 1) escassez de verbas (por desinteresse institucional e/ou por não apresentar os níveis de qualidade exigidos para obter recursos de agências financiadoras); 2) problemas de ordem operacional ou estrutural (como a falta de qualificação ou perfil profissional dos envolvidos em sua editoração); 3) dificuldades de captação de conteúdo (baixa demanda de colaboradores, muitas vezes gerada por questões de produtividade acadêmica, que pressionam pesquisadores pela busca de publicação em veículos com altos conceitos de avaliação); 4) mudanças políticas no interior da organização científica ou acadêmica em que foi criada.

### *3.6.2 O Papel do Editor: entre o Feijão e o Sonho*

Muito antes do surgimento das primeiras publicações científicas, é possível verificar o aperfeiçoamento de uma atividade que já existia desde Roma antiga, voltada, ainda de forma artesanal, para a organização, sistematização e difusão do conhecimento: o editor na figura do copista erudita, responsável pela pesquisa, preparação e reprodução caligráfica de textos escolhidos como importantes para o desenvolvimento cultural humano (GOMES, 2009).

Com o advento da tipografia, desenvolvida por Johannes Gutemberg, em 1439, esta atividade começou a deixar para trás a sua característica artesanal, a partir do aperfeiçoamento das técnicas de impressão e reprodução, que tornaram os livros acessíveis a um maior número de pessoas. A nova tecnologia acabou se espalhando por



toda a Europa e, mais tarde, para outros continentes, marcando o início de uma nova era para a humanidade.

Usada inicialmente apenas para a impressão e distribuição de livros e folhetos, não demorou muito para a sua aplicação se estender a outras áreas da atividade editorial, como a comunicação científica, abrindo um novo campo para os primeiros editores dessa área, agora em um ambiente tecnicamente favorável à reprodução documental em larga escala.

O editor, responsável pelo gerenciamento de todo o processo de produção editorial de uma revista científica, contudo, ainda carece de ambientes de formação e atualização profissionais, mesmo depois de decorridos vários séculos desde o surgimento dessa atividade, principalmente com o surgimento das TICs e dos diferentes suportes digitais em que as publicações hoje estão disponíveis: não só impresso, como também na internet, em *tablets* e *smartphones*. Pode-se mesmo afirmar que são praticamente inexistentes as oportunidades e espaços de formação de editores, tanto no âmbito de graduação como de pós-graduação. Não há uma formação específica profissional para o editor de revistas científicas, função normalmente ocupada por pesquisadores da área sem a necessária formação técnica para promover ou coordenar processos editoriais como um todo (GOMES, 2009).

Para atender em parte esta demanda, a Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC) vem oferecendo regularmente cursos rápidos que suprem algumas das deficiências encontradas. Criada em 1985, a ABEC<sup>12</sup>, com sede no Rio de Janeiro, tem como finalidade congrega:

(...) pessoas físicas e jurídicas com interesse em desenvolver e aprimorar a publicação de periódicos técnico-científicos; aperfeiçoar a comunicação e divulgação de informações; manter o intercâmbio de idéias, o debate de problemas e a defesa dos interesses comuns. (ABEC, 1986, art. 1º).

Em seguida, em seu artigo 2º, estabelece que, para atingir estas metas, deverá:

(...) a) zelar pelo padrão da forma e conteúdo das publicações técnico-científicas no país; b) promover periodicamente um encontro nacional dos associados; c) manter contato com instituições e sociedades correlatas do país e do exterior; d) divulgar regularmente matérias de interesse editorial técnico-científico; e) promover conferências, seminários e cursos no âmbito de seus objetivos. (art. 2)

No final das contas, o que parece se configurar com pré-requisito geral para desempenhar as atividades de editor de revista científica é a formação em nível superior,

---

<sup>12</sup> <http://www.abecbrasil.org.br>

de preferência com pós-graduação, uma sólida formação cultural, que inclui o domínio de pelo menos um idioma a mais que o nativo, conhecimentos prévios sobre o mercado editorial em questão, capacitação para lidar com ferramentas específicas de gerenciamento de publicações, como o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), e o *Submission*, do SciELO; finalmente, e não menos importante, podemos citar a dedicação e interesse para desvendar um campo onde o processo de formação profissional depende, basicamente, de uma dinâmica de tentativa, erro e, na melhor das hipóteses, de acerto. Não se pode esquecer, também, das exigências de saberes específicos – como o uso de programas de edição de texto, editoração eletrônica e de web design, por exemplo – que colocam o editor numa encruzilhada diante da pouca disponibilidade de meios de atualização e especialização e acabam por criar um quadro de responsabilidades que ultrapassam a organização e acompanhamento das etapas de avaliação e publicação (GOMES, 2009).

Além do cuidado com meticulosos aspectos formais e de conteúdo, são exigidos dele conhecimentos de planejamento, administração e, ainda, de distribuição e marketing, entre outros. Por ter de percorrer e coordenar praticamente todas as etapas das atividades necessárias, da produção à impressão de uma revista científica, a escassez de recursos e meios de especialização e a sobrecarga de responsabilidades podem contribuir para que o resultado final de seu trabalho apresente deficiências que concorrem para dificultar o alcance dos níveis de excelência que se deseja para essas publicações.

Este é um desafio que precisa ser enfrentado de forma cooperativa, como se espera, de fato, em uma comunidade geradora de conhecimentos.

## 4 PRODUZINDO UM PERIÓDICO CIENTÍFICO

Os periódicos científicos, ou revistas científicas, apresentam características extrínsecas e intrínsecas. Segundo Valério (2005), características extrínsecas são: “as práticas editoriais explicitadas, critérios e procedimentos para seleção e avaliação de artigos, política editorial clara, instruções aos autores, normalização, duração do periódico (tradição, continuidade), regularidade de publicação, indexação em bases de dados nacionais e internacionais, tiragem e apresentação gráfica”. As características intrínsecas são “corpo editorial, sistema de avaliação por pares e integração do autor com o leitor”. De acordo com a autora, essas características constituem indicadores para avaliações de periódicos.

A preocupação com o processo editorial de um periódico científico remonta à década de 1970 do século XX, quando a União das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO) convidou o editor de uma revista química para elaborar o *Guidelines for editors of scientific and technical journals*, no qual são definidas as primeiras funções do editor-chefe, a estrutura dos periódicos e a forma de apresentação de artigos científicos, destacando “a principal habilidade do editor para atingir o leitor mediante os recursos dos processos de recuperação da informação” (POBLACIÓN et al., 2003).

A produção dos periódicos científicos é realizada por indivíduos e instituições que se diferenciam socialmente como categorias de profissionais e organizações – são editores, tradutores, bibliotecários, distribuidores, agentes de assinaturas, entre outros (DIAS, 2006). Nessa atividade produtiva, há custos, insumos e fornecedores, fazendo com que se estenda em uma cadeia que vai desde a elaboração do conteúdo pelos autores até a recepção da publicação pelos leitores. Essa cadeia é ilustrada, de forma simplificada, na Figura 1.

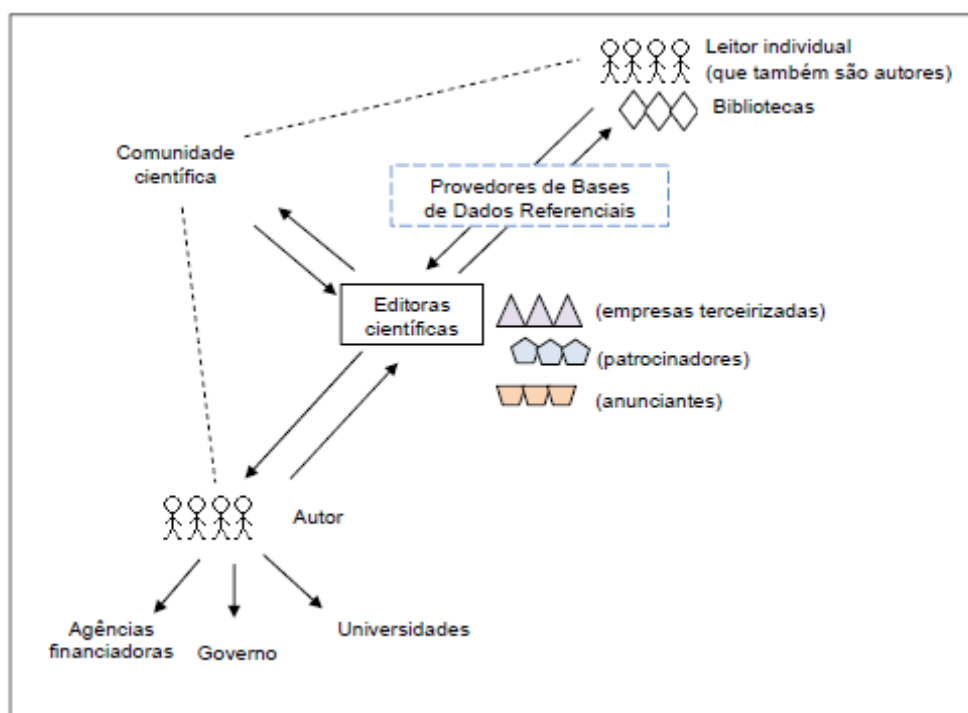


Figura 1. Representação simplificada do processo que envolve a publicação de um periódico científico.  
Fonte: Gumieiro (2009).

Já o processo editorial detalhado de um periódico científico, conforme Figuras 2 e 3, varia de título para título, estando vinculado às características da unidade publicadora, seja ela uma sociedade, organização ou entidade de classe, departamento de uma universidade pública ou particular ou uma editora. Muitas dessas operações, inclusive, podem até não ser realizadas, devido às diferentes infraestruturas, falta de recursos ou até desconhecimento do processo.

A) Planejamento editorial	
<b>1 Gestão editorial</b>	
1.1 Composição de corpo editorial	
Comissão executiva e editor responsável	
Conselho editorial com abrangência:	
- Local / Nacional / Internacional	
1.2 Definição de avaliadores <i>ad hoc</i>	
<b>2 Infra-estrutura</b>	
2.1 Espaço físico	
2.2 Equipamentos e recursos tecnológicos	
<b>3 Serviços técnicos especializados</b>	
3.1 Recursos financeiros para contratação	
3.2 Parcerias, fomento ou patrocínio	
<b>4 Política editorial</b>	
4.1 Título e subtítulo do periódico	
4.2 Área de conhecimento abrangida	
4.3 Projeto editorial	
Missão	
Periodicidade	
Avaliação por pares e critérios de arbitragem	
Originalidade dos artigos	
Seções	
Idiomas	
Perfil de autores e leitores	
Requisitos normativos	
Circulação	
<b>5 Critérios de edição (decorrentes da política editorial)</b>	
5.1 Diretrizes para autores	
Modo de submissão	
Normalização utilizada e exemplos	
Formato e tamanho para textos e ilustrações	
Direitos autorais	
Documento de aprovação por comissão ética em pesquisa	
5.2 Número mínimo de textos por volume	
5.3 Organização/edição dos conteúdos em ordem:	
Alfabética / Temática / Por data de aceite	
5.4 Cronograma/prazos por etapa	
<b>B) Fluxo editorial</b>	
<b>1 Edição de texto</b>	
1.1 Avaliação pelos pares	
1.2 Mediante aceite, revisão ortográfica e gramatical	
1.3 Mediante aceite, normalização técnica	
Elementos que devem constar no fascículo	
- Dados de identificação do periódico	
Título	
ISSN e/ou E-ISSN	
Dados para contato	
- Dados de identificação do fascículo	
Legenda bibliográfica	
Ficha catalográfica	
Código de barras	
- Instituição responsável	
Dados institucionais	
Fontes de apoio/patrocínio	
- Dados sobre gestão e política editorial	
Nominata de membros	
Missão	
Periodicidade	
Avaliação por pares e critérios de arbitragem	
Diretrizes para submissão	
Propriedade do direito autoral	
	- Dados sobre circulação
	Forma de distribuição
	Forma de difusão
	Autorização para reprodução
	Local e data de publicação
	Tempo de publicação
	- Sumário da edição
	- Dados sobre fascículos anteriores
	Elementos que devem constar no artigo
	- Autoria
	Nome
	Filiação/currículo
	Contato
	- Texto
	Título
	Resumo
	Descritores
	Referências
	Data de recebimento e aceite
	- Dados de identificação do artigo
	Legenda bibliográfica
	Paginação sequencial no fascículo
	<b>2 Edição de layout</b>
	2.1 Projeto gráfico
	Uso de diagrama: unidade visual e formato da coleção
	- Formato
	- Margens e colunas
	1ª a 4ª Capas
	Lombada
	Miolo
	Escolha tipográfica: padrão no uso de estilos de texto
	- No fascículo
	- Na coleção
	Uso de ilustrações com qualidade de reprodução
	Definição dos recursos de produção gráfica
	- Números de cores
	- Papéis utilizados
	- Acabamentos
	2.2 Diagramação do fascículo/artigos
	2.3 Revisão de provas
	2.4 Produção gráfica - Impressão
	<b>C) Circulação</b>
	<b>1 Regularidade</b>
	1.1 Periodicidade
	1.2 Continuidade
	<b>2 Distribuição</b>
	2.1 Tiragem
	2.2 Data de impressão
	2.3 Forma de aquisição por:
	Assinatura / Permuta / Distribuição gratuita / Compra avulsa
	2.4 Disponível em outro formato
	On-line
	Outros
	<b>3 Difusão</b>
	3.1 Presença em bases de dados:
	De textos completos / Referenciais / De citações
	- Com critérios seletivos reconhecidos pela área
	- Com critérios seletivos de abrangência restrita
	3.2 Fator de impacto

Figura 2. Orientação para edição de periódicos científicos impressos. Fonte: Ferreira e Krzyzanowski (2003)

A) Planejamento editorial	
<b>1 Gestão editorial</b>	
1.1 Composição de corpo editorial	
Comissão executiva e editor responsável	
Conselho editorial com abrangência:	
- Local / Nacional / Internacional	
1.2 Definição de avaliadores <i>ad hoc</i>	
<b>2 Infra-estrutura</b>	
2.1 Espaço físico	
2.2 Equipamentos e recursos tecnológicos	
<b>3 Serviços técnicos especializados</b>	
3.1 Recursos financeiros para contratação	
3.2 Parcerias, fomento ou patrocínio	
<b>4 Política editorial</b>	
4.1 Título e subtítulo do periódico	
4.2 Área de conhecimento abrangida	
4.3 Projeto editorial	
Missão	
Periodicidade	
Avaliação por pares e critérios de arbitragem	
Originalidade dos artigos	
Seções	
Idiomas	
Perfil de autores e leitores	
Requisitos normativos	
Circulação	
<b>5 Critérios de edição (decorrentes da política editorial)</b>	
5.1 Diretrizes para autores	
Modo de submissão	
Normalização utilizada e exemplos	
Formato e tamanho para documentos eletrônicos	
Metadados da submissão	
Direitos autorais	
Documento de aprovação por comissão ética em pesquisa	
5.2 Número mínimo de textos por volume	
5.3 Organização/edição dos conteúdos em ordem:	
Alfabética / Temática / Por data de aceite	
5.4 Cronograma/prazos por etapa	
<b>B) Fluxo editorial</b>	
<b>1 Edição de texto</b>	
1.1 Avaliação pelos pares	
1.2 Mediante aceite, revisão ortográfica e gramatical	
1.3 Mediante aceite, normalização técnica	
Elementos que devem constar no site	
- Dados de identificação do periódico	
Título	
E-ISSN e/ou ISSN	
Dados para contato	
- Instituição responsável	
Dados institucionais	
Fontes de apoio/patrocínio	
- Dados sobre gestão e política editorial	
Nominata de membros	
Missão	
Periodicidade	
Avaliação por pares e critérios de arbitragem	
Diretrizes para submissão	
Propriedade do direito autoral	
- Dados sobre circulação	
Forma de distribuição	
Forma de difusão	
Autorização para reprodução	
Local e data de publicação	
Tempo de publicação	
	Elementos que devem constar no fascículo
	- Sumário do fascículo
	- Expediente
	Dados de identificação do periódico
	Dados sobre gestão e política editorial do periódico
	Dados sobre forma de circulação do periódico
	Elementos que devem constar no artigo
	- Autoria
	Nome
	Filiação/currículo
	Contato
	- Texto
	Título
	Resumo
	Descritores
	Referências
	Data de recebimento e aceite
	- Dados de identificação do artigo
	Legenda bibliográfica
	Paginação sequencial no fascículo
	Data de publicação e eventual atualização do arquivo
	DOI
	<b>2 Edição de layout</b>
	2.1 Arquitetura da informação e interface do site
	Consistência entre as páginas
	- Estilos de menus/barras de navegação
	- Estilos de texto
	- Estilos de cores e imagens
	- Estilos de link
	Tipos de recursos utilizados pelos artigos
	- Texto
	- Imagem fixa
	- Imagem em movimento
	- Áudio
	- Outros
	Formato dos fascículos e artigos
	Sistema de busca
	Ferramentas contextuais
	Acessibilidade
	2.2 Diagramação do fascículo/artigos
	2.3 Revisão de provas
	2.4 Disponibilização on-line/publicação
	<b>C) Circulação</b>
	<b>1 Regularidade</b>
	1.1 Periodicidade
	1.2 Continuidade
	<b>2 Distribuição - Formas de acesso</b>
	2.1 Livre (protocolo OAI-PMH)
	2.2 Aberto por site próprio
	2.3 Mala direta
	2.4 Assinatura
	2.5 Disponível em outro formato
	Impresso
	Outros
	<b>3 Difusão</b>
	3.1 Presença em bases de dados:
	De textos completos / Referenciais / De citações
	- Com critérios seletivos reconhecidos pela área
	- Com critérios seletivos de abrangência restrita
	3.2 Estatísticas de acesso e fator de impacto
	Periódico
	Fascículos
	Artigos
	- Consulta
	- Download

Figura 3. Orientação para edição de periódicos científicos online. Fonte: Ferreira e Krzyzanowski (2003)

A Figura 2 apresenta as etapas direcionadas aos periódicos impressos e a Figura 3, aquelas direcionadas aos eletrônicos. Nos procedimentos de edição de uma publicação periódica online, mantêm-se as principais etapas para edições impressas.

Uma das principais diferenças aparece na edição de layout, onde o trabalho de projeto gráfico é substituído pela definição da arquitetura da informação e interface do site – com a proposta de consistência entre as páginas, tipos de recursos utilizados pelos artigos, formato dos fascículos e textos (PDF, html), sistemas de busca, ferramentas contextuais (mecanismos de recuperação contextualizada do conteúdo) e acessibilidade.

Vamos explicar a seguir, com maior detalhamento, as três etapas fundamentais – o planejamento editorial, o fluxo editorial e a circulação – que visam assegurar a qualidade da produção de um periódico científico.

Realizar o planejamento editorial de uma publicação impressa significa pensar na gestão editorial do título, na infraestrutura básica para sua implementação e manutenção, nos serviços técnicos necessários, na política editorial a ser adotada e nos critérios de edição a serem utilizados<sup>13</sup>.

A gestão editorial do periódico contempla o estabelecimento de um corpo editorial: a definição da comissão executiva e do editor responsável – que gerenciarão as etapas de produção da publicação –, e também do conselho editorial – constituído de especialistas reconhecidos que são os responsáveis científicos pela publicação. O passo seguinte será a definição de consultores *ad hoc* para o periódico, que são os pareceristas ou árbitros externos ao Conselho Editorial consultados para analisar os originais recebidos pela revista.

A preocupação com a infraestrutura do processo de edição se reflete na previsão do espaço físico a ser utilizado, dos equipamentos e recursos tecnológicos prioritários – computadores, impressoras, scanners, softwares de edição de texto e de layout, instalação de rede informática, contratação de servidor seguro para arquivamento e publicação de arquivos. Ao contratar serviços técnicos especializados, deve-se pensar

---

<sup>13</sup> Os critérios mínimos para que uma revista se enquadre como periódico científico que são: Editor Responsável; Comissão Editorial que auxilie o Editor na tomada de decisões; Conselho Editorial (Conselho Consultivo) formado por pesquisadores de diferentes instituições; registro de ISSN; linha editorial definida (expediente: missão, foco temático, periodicidade e forma de avaliação/revisão); normas de submissão claras; periodicidade regular definida; avaliação dos originais realizada por membros do Conselho Editorial (Conselho Consultivo) ou consultores *ad hoc*; publicação de contribuições na forma de artigos assinados; indicação da titulação e afiliação institucional dos autores; indicação da titulação e afiliação institucional dos membros do Conselho Editorial (Conselho Consultivo) ou dos consultores *ad hoc*; título, resumo e palavras-chave no mínimo em dois idiomas, sendo um deles na língua do periódico; e data de recebimento e aceitação de cada artigo.

nos recursos financeiros disponíveis, possibilidade de parcerias, verbas de fomento ou patrocínio para sua realização.

A política editorial descreve a personalidade da revista: seus objetivos, sua vocação acadêmica ou aplicada, o papel que pretende desempenhar dentro do panorama científico, as áreas ou subáreas de interesse que abrange, o tipo de público-alvo e a filosofia. A definição da política editorial inclui também escolha do título e subtítulo do periódico, o projeto editorial da publicação – no qual são descritos a sua missão, periodicidade, avaliação por pares, critérios de arbitragem, exigência de originalidade dos artigos, seções, idiomas, perfil de autores e leitores, requisitos normativos e dados sobre a circulação da publicação. A política editorial norteia o trabalho de todos os envolvidos na análise de artigo científico: editores, analistas do corpo científico, consultores *ad hoc*, revisores de texto, pessoal de secretaria e de apoio. Segundo Trzesniak (2009), é extremamente improvável que uma revista publique um artigo que não esteja de acordo com a sua política editorial.

Os critérios de edição se referem aos aspectos formais que o periódico segue, os quais podem provir de diversas fontes: entidades de normalização (como a *International Organization of Standardization* ou a Associação Brasileira de Normas Técnicas), órgãos legais ou de regulamentação (por exemplo, os Conselhos Federais no que tange as questões éticas), peculiaridades da área do conhecimento e, finalmente, convicções dos próprios editores. São orientações que garantem transparência ao processo de edição, explicando o modo de submissão dos artigos e a normalização utilizada pelo periódico. Bons periódicos fazem do atendimento às normas um requisito prévio a entrada de um original no processo editorial (TRZESNIAK, 2009).

Em cada edição, é preciso respeitar um número mínimo de textos por volume, e seguir uma estratégia de organização/edição dos conteúdos – ordem alfabética, temática ou por data de aceite –, além de um rigoroso cronograma/prazos para cada etapa do processo editorial, garantindo pontualidade. A política editorial e os critérios de edição devem ser mencionados tanto na revista impressa como eletrônica, e apontar essa disponibilidade de modo bastante explícito.

O fluxo editorial é composto das etapas de edição de texto e edição de layout. A edição de texto de cada número tem início com a avaliação pelos pares dos originais submetidos: o original vai para pelo menos dois pesquisadores especialistas do tema abordado – preservando o anonimato do autor –, que farão uma análise, emitirão uma apreciação geral em forma de texto e farão uma recomendação à revista, que em geral



será de publicar com as alterações sugeridas, ou reformular e apresentar para nova avaliação, ou não publicar. O corpo editorial pode acatar ou não essa recomendação. O trabalho é então devolvido para os autores, a fim de que façam as modificações solicitadas, acatando as sugestões recebidas ou até mesmo recusando-as. E o processo segue, até uma decisão final.

Uma vez aceito um artigo para publicação, iniciam-se a revisão ortográfica e gramatical, bem como a normalização técnica das informações que devem constar em cada texto. As informações do fascículo devem ser revisadas e normalizadas quando já estiver decidido quantos e quais artigos entrarão naquele número.

A etapa de edição de layout começa na definição do projeto gráfico da publicação – onde são propostos um diagrama para o periódico, a tipografia, os estilos para ilustrações (tabelas, quadros, fotos) e os recursos de produção a serem utilizados. Trata-se de um conjunto de características que proporcionam a unidade visual da coleção. Na revista impressa, a capa é responsável por assegurar o primeiro contato do leitor com o periódico. É o espaço em que a opção por um projeto que enfatize recursos como cores ou imagens, por exemplo, resulte em um apelo também estético no âmbito de um tipo de publicação em que a informação é prioritária (Ferreira; Krzyzanowski, 2003).

Com o projeto gráfico determinado – o que pode ocorrer concomitantemente à definição do projeto editorial do periódico – e a edição de texto concluída, é o momento da diagramação dos fascículos/artigos – etapa que consiste na distribuição dos textos e ilustrações nas páginas, a partir das especificações do projeto gráfico. A revisão das provas é feita após a conclusão da diagramação, podendo ser realizada em diversas fases, a partir da leitura do revisor e das sucessivas correções nos arquivos do layout. A produção gráfica – impressão – tem início com a aprovação do layout de todas as páginas pelo editor responsável.

A circulação é estratégica para a consolidação de um periódico, sendo decisiva a definição de sua regularidade, distribuição e difusão. Para que se mantenha constante e atinja o público-alvo, é preciso prever uma periodicidade possível de ser mantida ao longo do tempo, garantindo continuidade à coleção. A periodicidade mínima indicada pela Capes é de dois números por ano.

A distribuição, por sua vez, reflete a tiragem necessária para cada número. É indispensável informar a data de impressão da edição no próprio fascículo, suas possíveis formas de aquisição – assinatura, permuta, distribuição gratuita, compra

avulsa –, bem como se está disponível em outro formato, como o eletrônico. Pensar a difusão de uma publicação impressa consiste em assegurar sua presença em bases de dados – que podem ser de textos completos, referenciais e de citações.

Devem ser tomados cuidados com relação à distribuição, ou formas de acesso, da publicação online, que mantém diferenças em relação aos volumes impressos. É preciso definir se o conteúdo estará aberto em site próprio e não por um sistema integrado; se o envio das edições será feito por mala direta ou por solicitação de assinatura para acesso aos artigos. A preocupação com o acesso livre, não necessariamente sem custo para a entidade publicadora, significa pensar na disponibilização do periódico pela internet, de modo que qualquer pessoa possa lê-lo, baixá-lo, copiá-lo, distribuí-lo gratuitamente. Ainda em relação à distribuição de periódicos online, é importante saber se o título também estará disponível em outros formatos eletrônicos, como epub ou apps, para serem lidos em smartphones e tablets.

Cabe destacar que se a visibilidade dos periódicos depende também da capacidade de ser acessado em bases de dados e índices, questões tecnológicas são determinantes na localização das informações, geralmente realizadas através de mecanismos de busca e indexação. No âmbito da edição de periódicos eletrônicos, portanto, além do webdesign, a acessibilidade e o desenvolvimento de recursos otimizados para serviços de pesquisa compõem um conjunto de fatores que devem fazer parte do planejamento editorial de uma publicação.

A adoção de um sistema como o *Open Journal Systems* (OJS) da *British Columbia University* – traduzido e adaptado no Brasil pelo IBICT e que deu origem ao Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) – permite que um periódico ganhe rapidez e transparência nos procedimentos editoriais, desde a submissão e avaliação até a publicação online e indexação. Ligado à iniciativa de acesso livre à informação científica e utilizando o protocolo OAI-PMH – *Open Archives Initiative Protocol for Metadata Harvesting* –, o sistema possibilita o intercâmbio de metadados, assim como mecanismos para preservação dos conteúdos.

Segundo Packer e Meneghini (2006), o número médio de leitura ou de artigos acessados (*downloads*) constitui um dado fundamental na visibilidade de um periódico na web. Quanto maior esse número, mais visível se torna a publicação online. Potencializar esse indicador é aumentar o número de *incomming* links para o periódico. Ou seja, participar de coleções internacionais de qualidade implica em usufruir do seu sistema de links. As revistas das coleções SciELO apresentam uma média de dois

milhões de visitas por mês, muitas delas provenientes de índices e buscadores como LILACS, *Web of Science*, Portal Capes, PubMed, entre outros. (GRUSZYNSKI; GOLIN, 2007)

#### 4.1 O Mercado Editorial de Periódicos Científicos

De acordo com Gumieiro (2009), o mercado de publicação de periódicos científicos é muito diferente dos modelos de mercado convencionais. Nesses últimos, o fornecimento e a demanda encontram um equilíbrio por meio de mudanças na variável preço. O aumento no preço dos periódicos científicos, por exemplo, não leva o consumidor a trocá-lo por outro produto. O leitor individual, na impossibilidade de adquirir uma dada revista, recorre a outros meios para a sua aquisição, tais como ao sistema de bibliotecas ou ao sistema de comutação bibliográfica, dentre outros. As bibliotecas, por sua vez, respondem ao preço aumentando ou reduzindo compras até o limite que seus orçamentos permitirem (GUMIEIRO, 2009).

Em linhas gerais, pode-se dizer que a atividade de publicar periódicos científicos se caracteriza como um tipo de negócio, no qual os periódicos científicos vêm se tornando, cada vez mais, um produto de mercado; e bibliotecas, editores, leitores, fornecedores, patrocinadores, financiadores, dentre outros, se relacionam, cada qual com desejos e expectativas distintas. Basta ver o número de revistas científicas lançadas a cada ano e o alto preço das assinaturas de algumas delas, o que indica ser o mercado editorial de publicações científicas um setor em crescimento (MÜLLER, 1994, p.86).

As editoras de periódicos científicos se subdividem em três amplos grupos: comerciais, universitárias e de sociedades científicas. Na maioria das vezes, elas são entendidas da seguinte maneira:

- editoras comerciais: publicam periódicos de divulgação e de atualização profissional e procuram maximizar lucros por meio da publicação. O mercado mundial de periódicos científicos é dominado pelas grandes editoras comerciais, com faturamentos na ordem de bilhões. Thomson Reuters, Reed Elsevier, Wiley, Springer<sup>14</sup> estão entre as 10 maiores editoras do mundo e que também atuam no mercado brasileiro (ver Tabela 1). Há também as pequenas editoras, que atuam mais como terceirizadas de diversos

---

<sup>14</sup> <http://pearson.com.br>; <http://thomsonreuters.com>; <http://elsevier.com.br>; <http://wiley.com>; <http://springer.com.br>

serviços editoriais por editoras acadêmicas, como a Cubo, Zepellini e Palavra Impressa<sup>15</sup>, no mercado brasileiro.

- as editoras universitárias buscam publicar trabalhos de alta qualidade e, concomitantemente a isso, obter lucros sobre eles. Tais editoras se atêm aos seus rendimentos líquidos e, portanto, não publicam somente motivadas pela razão fim da publicação;

- as sociedades científicas são instituições sem fins lucrativos cujos objetivos são geralmente ligados à promoção dos interesses de suas pesquisas ou das áreas disciplinares aos quais estejam relacionadas. Muitas dessas sociedades obtêm excedentes significativos de suas publicações a fim de que elas possam subsidiar outras atividades da instituição. Vale dizer ainda que, as sociedades científicas, frequentemente, publicam seus periódicos em parceria com editoras comerciais ou universitárias. Elas terceirizam muitas das tarefas da publicação, incluindo, em alguns casos, a administração do processo de revisão pelos pares e outras funções aparentemente acadêmicas. Nesse grupo, também podemos incluir os departamentos de universidades e faculdades.

Posição	Grupo Editorial	País	Faturamento em US\$ bilhoes
2	Reed Elsevier	Reino Unido/Holanda/EUA	\$5,93
3	ThomsonReuters	EUA	\$5,39
4	Wolters Kluwer	Holanda	\$4,8
12	Wiley	EUA	\$1,8
16	Springer Science and Business Media	Alemanha	\$1,298

Tabela 1. Ranking das 50 maiores editoras comerciais do mundo em 2012. Fonte: Publishers Weekly (2013)

Já no contexto da atividade de publicação de periódicos científicos eletrônicos de acesso aberto, em especial, outras particularidades são verificadas. Apesar dos

<sup>15</sup> <http://editoracubo.com.br>; <http://zepellini.com.br>; <http://palavraimpressa.com.br>

periódicos científicos eletrônicos de acesso aberto também apresentarem revisão pelos pares, editoração, formatação, dentre outras características, os leitores não precisam pagar para acessar o conteúdo dos artigos. Vale dizer que, apesar dessa gratuidade de acesso, a produção de um periódico científico de acesso aberto, assim como a de uma revista científica com assinatura, apresenta custos. Tais despesas podem provir do processo de avaliação pelos pares, da preparação do manuscrito em si e de aspectos técnicos como, por exemplo, o relacionado com o espaço em um servidor (GUMIEIRO, 2009).

No que se refere à obtenção de receitas por uma editora de acesso aberto, há um número expressivo de periódicos sendo custeados sob as mais diversas formas, como os financiamentos provenientes das fundações de pesquisa e de governos; o apoio das universidades e demais instituições científicas; as doações, os lucros nas vendas de serviços adicionais; e as contribuições dos próprios pesquisadores, que pagam pelos seus artigos, caso sejam aceitos para publicação (GUMIEIRO, 2009).

Segundo Packer (2009) os periódicos brasileiros são publicados majoritariamente por instituições públicas sem fins lucrativos ligados à pesquisa ou à prática profissional. Tomando como referência a coleção SciELO, os periódicos brasileiros repartem-se praticamente em número igual entre dois tipos principais de editoras: as de origem institucional, principalmente universidades e institutos de pesquisa, e as coordenadas por sociedades científicas ou associações profissionais. Essa distribuição das editoras se faz presente em praticamente todo o território nacional. A Tabela 2 apresenta o ranking das vinte instituições com maior produção nos periódicos brasileiros indexados no SciELO e nos periódicos, brasileiros e estrangeiros, indexados na *Web of Science* (WoS) em 2009.

SciELO					WoS				
Posição		Afiliação	Artigos	%	Posição		Afiliação	Artigos	%
SciELO	WoS				WoS	SciELO			
1	1	USP	3.128	20%	1	1	USP	7.140	24%
2	4	Unesp	1.085	7%	2	3	Unicamp	2.168	7%
3	2	Unicamp	829	5%	3	4	UFRJ	2.031	7%
4	3	UFRJ	801	5%	4	2	Unesp	1.892	6%
5	7	Unifesp	794	5%	5	6	UFRGS	1.665	6%
6	5	UFRGS	732	5%	6	7	UFMG	1.416	5%
7	6	UFMG	730	5%	7	5	Unifesp	1.226	4%
8	8	Embrapa	706	4%	8	8	Embrapa	1.018	3%
9	9	Fiocruz	701	4%	9	9	Fiocruz	969	3%
10	13	UFV	654	4%	10	15	UFPE	943	3%
11	11	UFPR	456	3%	11	11	UFPR	860	3%
12	16	UFSM	437	3%	12	13	UFSC	836	3%
13	12	UFSC	433	3%	13	10	UFV	832	3%
14	20	UFLA	406	3%	14	16	UNB	689	2%
15	10	UFPE	370	2%	15	22	UFSCAR	677	2%
16	14	UNB	341	2%	16	12	UFSM	655	2%
17	19	UERJ	335	2%	17	21	UFC	649	2%
18	27	UFPEL	320	2%	18	23	UFF	577	2%
19	21	UEM	308	2%	19	17	UERJ	547	2%
20	22	UFBA	288	2%	20	14	UFLA	524	2%
		Total	15.981	87%			Total	29.757	92%

Tabela 2. Vinte instituições brasileiras com maior produção de artigos indexados no SciELO e WoS.  
Fonte: Packer (2009)

O alto nível de descentralização das editoras dos periódicos brasileiros pode ser constatado a partir do diretório de periódicos da base *Scopus*, que permite identificar 5.453 editoras nos diferentes países que publicaram 16.119 periódicos em 2009, isto é, três periódicos por editora. O Brasil participa com uma relação de 1, 2, com 202 títulos de 163 editoras. Já em países como Alemanha, Estados Unidos e Inglaterra, a relação título/editora é bem maior: 4,5; 3,2 e 7,2; respectivamente. Não por acaso são os países que abrigam as grandes editoras comerciais. Na 14ª posição no ranking de publicação de artigos, abaixo do Brasil, a Holanda apresenta a relação mais alta da coleção *Scopus*, com 19,4 periódicos por editora.

Essa descentralização demonstra uma atuação isolada das instituições públicas, que precisam escoar sua produção científica, fruto das mudanças no sistema de avaliação de programas de pós-graduação adotado pela Capes, ao priorizar o número de publicações de pesquisadores afiliados a esses programas. Segundo Isabelle Reiss, gerente de contas da divisão de pesquisa científica da Thomson Reuters para a América do Sul, “Essa grande quantidade de revistas talvez cause efeitos de dispersão e de

nivelamento por baixo da qualidade dos artigos científicos publicados em periódicos brasileiros” (AGÊNCIA FAPESP, 2013). Segundo ela, uma menor quantidade de periódicos brasileiros tornaria a seleção de artigos mais rigorosa e, conseqüentemente, aumentaria a qualidade e a visibilidade dos trabalhos publicados.

#### 4.2 Perspectivas para o Produtor Editorial

Em uma pesquisa sobre a atividade do editor-chefe, Gomes (2010), consultou os expedientes eletrônicos dos 211 títulos disponíveis na SciELO, das diversas áreas que compõem a sua coleção virtual, a fim de detectar as nomenclaturas utilizadas para as funções de editor e discutir a importância de suas posições possíveis no organograma das revistas. Segundo o autor, o intuito foi:

(...) de alguma maneira, possam servir para ilustrar e impulsionar o debate sobre as responsabilidades e as funções do editor, de um modo geral, dentro da dinâmica de editoração das revistas científicas brasileiras. Ressalte-se, ainda, que a inexistência de estudos nesta área para estabelecer uma categorização precisa de cada função de editor (editor-chefe, editor-adjunto, editor-assistente, editor-executivo, entre tantas outras, como veremos a seguir) dificulta o estabelecimento de regras precisas para cada caso funcional. De qualquer modo, é a partir da observação do que ocorre na prática editorial de cada publicação científica que poderemos encontrar alguns parâmetros conceituais preliminares (GOMES, 2010).

Para o autor, o cargo de editor pode ser dividido em três funções, independente das diferentes nomenclaturas encontradas nos expedientes das revistas científicas:

- o editor-chefe: o cientista que responde diretamente pelo direcionamento político e institucional da publicação, como meio de disseminação de conhecimento na área em que se insere, e coordena as suas atividades editoriais.
- o editor-adjunto: que pode ser também editor-executivo, com amplos conhecimentos da estrutura editorial como um todo e responsável pelas atividades correlatas. Em geral, o editor executivo possui um nível de informação geral e estrutural do periódico, com amplos conhecimentos administrativos e técnicos. É importante, por exemplo, que ele entenda todas as etapas da editoração, mesmo que não esteja diretamente envolvido em sua execução. É ainda responsável pela gestão dos recursos financeiros e pela observação constante das tendências editoriais e de mercado, tanto como de avaliação e visibilidade editoriais, oferecendo ao editor-chefe e ao comitê editorial informações e parâmetros essenciais para balisar as decisões a serem tomadas;

- o editor-assistente, por sua vez, é o mediador entre as atividades das esferas de gestão política e financeira da revista e as de avaliação de produção científica, a partir das decisões do comitê editorial, do editor-chefe e do editor-ajunto, responsáveis imediatos pela qualidade do conteúdo a ser publicado. O editor-assistente preocupa-se com o recebimento, a organização e a sistematização dos processos de seleção e arbitragem de textos em geral, que são a matéria-prima e razão de ser de uma publicação científica. Deve possuir amplos conhecimentos sobre as formas e meios eletrônicos de editoração de conteúdo, que supõe as fases de captação, avaliação e preparação editorial para impressão, além de capacidade de coordenação de equipe editorial.

Ao considerarmos os profissionais, em âmbito geral, ligados ao processo editorial e de produção do periódico científico – mais especificamente as funções de editor-adjunto e editor-assistente –, traçamos também o perfil do produtor editorial, relacionando-o às atividades que estaria apto a exercer ao se considerar o domínio das tecnologias e os conhecimentos advindos da profissão, integrando-o assim às atividades da editoração de periódicos científicos.

Na sua origem, a participação do produtor no mercado de trabalho sempre esteve atrelada mais a atividades tidas como de cunho “técnico” ou pontuais do fluxo editorial, como diagramação e revisão. Essa percepção simplista do campo de trabalho deste profissional vem se modificando a cada dia à medida que se incorporam outros atributos às atividades realizadas, como o gerenciamento de processos editoriais, e também pela crescente introdução de novas tecnologias, tornando necessária sua constante atualização. Neste sentido, inferimos que, neste amplo conjunto de atividades, encontra-se o campo da comunicação científica, colocando aos profissionais atividades relativas à organização e gestão das atividades envolvidas no processo editorial.

A capacitação profissional influi na empregabilidade, sendo que para melhor adequar os profissionais aos cargos, recorrem-se aos mapeamentos de competências. Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)<sup>16</sup>, os profissionais da comunicação e informação – sob os códigos 2616-05 a 2616-25 – são compreendidos por editores de livros, jornais, revistas, de mídia eletrônica e por editores de revistas científicas, sendo que aos mesmos competem: responsabilizar-se pela publicação; garantir veracidade da informação; demonstrar habilidade de leitura; demonstrar capacidade de negociação com diversos profissionais; demonstrar habilidade de

---

<sup>16</sup> <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>



avaliação; demonstrar capacidade de trabalho em equipe; demonstrar capacidade de organização de atividades; demonstrar capacidade de administração de cronogramas; demonstrar habilidade de pesquisar em outras mídias; dominar tecnologias de edição e produção; demonstrar capacidade de liderança; manter postura ética; demonstrar capacidade de delegar atividades; demonstrar domínio da língua portuguesa; demonstrar conhecimento de língua estrangeira; dominar estética da imagem.

Dentre as competências acima colocadas, todas estão em consonância com as fases de produção do periódico científico - planejamento editorial, fluxo editorial e circulação, tornando-o apto a exercer atividade de destaque para a área de editoração científica.

A editoração é então uma das possibilidades que o produtor pode e deve se enquadrar, levando em consideração que as revistas científicas são consideradas o meio de comunicação científica mais eficaz, graças principalmente ao acesso remoto às informações. As publicações e os artigos científicos crescem a cada dia, aumentando a demanda por informações, tornando indispensável o manejo de novas tecnologias. O conhecimento de ferramentas e competências para a publicação de periódicos científicos mostra-se de extrema importância como assinala Rogério Meneghini (2012), quando questionado sobre os entraves à melhoria na qualidade dos periódicos científicos:

Nós basicamente somos pouco profissionais e pouco internacionais na área. Com o Scielo, fomos até certo ponto, mas acho que há um espaço que já foi ocupado e é difícil ir além do jeito que nós estamos operando. O Brasil é o único lugar do mundo em que não há *publishers* de fato, o que temos é cada revista sendo seu próprio *publisher*. São pessoas isoladas de universidades, sociedades e instituições que decidem criar, de forma precária, revistas próprias. E são essas pessoas que tomam conta das revistas. São grupos fechadíssimos, que não estão treinados, não são profissionais. Podem conhecer a ciência, mas não sabem sobre editoração, sobre como criar um corpo editorial eficiente.

A participação do produtor editorial no âmbito dos periódicos científicos ainda se mostra incipiente, porém há que se considerar que a atualização profissional aliada aos conhecimentos advindos da profissão está possibilitando uma nova inserção deste profissional na área da comunicação científica.

#### 4.3 A visão dos profissionais que atuam mercado

Conhecer a percepção dos profissionais que já atuam na área foi fundamental para apresentar o mercado atual e as oportunidades – e, por que não, os desafios - que o

produtor editorial terá pela frente ao ingressar nesse campo. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco profissionais: três de editoras comerciais e dois editores-chefe.

A seguir, será efetuada a análise dos argumentos relevantes e de maior significado extraído das respostas dos pesquisados.

#### 4.3.1 Marcio Zeppelini (Zeppelini Editorial)

Marcio Zeppelini é graduado em Produção Editorial pela Universidade Anhembí Morumbi e diretor executivo da Zeppelini Editorial. Sua carreira na área começou há mais de 15 anos, quando começou a trabalhar na Associação Paulista de Medicina (APM), em 1996, como editor-assistente nas revistas científicas produzidas pela instituição. À época, foi responsável pela reformulação do projeto visual das revistas *Diagnóstico & Tratamento* - revista que ele ajudou a lançar - e *São Paulo Medical Journal*, um dos mais antigos periódicos médicos brasileiros, publicado desde 1932.

Após sua saída da APM, em 2000, para abrir a Zeppelini Editorial, ambas as publicações passaram a ser produzidas pela nova empresa, o que acontece até hoje. A Zeppelini tem como objetivo atender às necessidades de empresas e organizações desenvolvendo estratégias para a produção de publicações de periódicos técnicos, científicos e não-científicos.

Na faculdade, não teve qualquer informação específica sobre a produção de periódicos científicos. Foi no seu trabalho junto a APM, que Marcio entrou em contato com as publicações científicas, e logo percebeu a carência desse campo em relação a um suporte especializado a atividades básicas de editoração, como copidesque, revisão gramatical, diagramação, produção gráfica e impressão, o que comprometia principalmente a periodicidade. Os editores levavam muito tempo para conseguir *freelancers* e gerenciá-los, e com isso atrasava bastante o fluxo editorial. A garantia de periodicidade e pontualidade no lançamento das revistas, na época ainda majoritariamente impressas, era a grande preocupação dos editores no início da empresa. A terceirização desses serviços, segundo Marcio, retirava uma sobrecarga dos editores-chefes, em que esses podiam se concentrar no trabalho dos autores e revisores científicos e no próprio trabalho como pesquisador. Atualmente, a grande preocupação é melhorar os índices como Fator de Impacto, a classificação no Qualis e a internacionalização dos periódicos. Por conta desse novo patamar de exigências do

mercado, a Zeppelini se viu perdendo alguns clientes. Em 2012, por exemplo, as revistas *Reprodução & Climatério* e *Journal of Coloproctology* (JCOL), passaram a ser editadas pela Elsevier. André da Luz Moreira, editor-chefe da JCOL, no editorial da primeira publicação com o selo da Elsevier, em abril de 2013, informa que o periódico passou por muitas mudanças para se tornar um periódico conceituado internacionalmente, entre elas o uso da língua inglesa, a inclusão em indexadores como SciELO, Scopus e Lilacs. Outro ponto importante, ressaltado pelo editor, foi o uso do EES, ferramenta de submissão online que a Elsevier oferece, a fim de facilitar o processo editorial e diminuir o tempo entre submissão e aceitação do artigo.

Para Marcio Zeppelini, a entrada das grandes editoras internacionais no mercado brasileiro, como a própria Elsevier, a Wiley em 2012, e a Springer, elevou o patamar de exigências a outro nível, e sua empresa não soube acompanhar. Ferramentas eletrônicas de submissão, a utilização de vídeos e até imagens em 3-D nos periódicos eletrônicos foram algumas “novidades” que ele não conseguiu incorporar na sua empresa, muito ainda focada no impresso e no PDF para os periódicos eletrônicos. No entanto, há ainda, segundo ele, um universo grande de periódicos que necessitam de um apoio editorial menos complexo e mais personalizado, que é o que a Zeppelini oferece.

O contato mais individualizado com o editor é um dos trunfos da Zeppelini, na visão de Marcio. Ele resalta que os editores têm “um tempo próprio”: absorvidos nas suas obrigações como professores universitários, é preciso que a editora os ajude a cumprir as etapas necessárias à publicação do periódico e a atender a prazos. Para isso, é preciso um diálogo cordial, mas às vezes firme.

Como produtor editorial, ele considera que uma atualização profissional que contemple o conhecimento sobre a produção em novos suportes digitais e sobre os novos rumos que a comunicação científica está seguindo, incorporando as redes sociais, por exemplo, é fundamental para se manter no mercado. Os editores, na sua visão, não veem como um profissional possa contribuir em outras atividades que não seja a diagramação, copidesque e produção gráfica, no caso dos impressos. Mas sua experiência na área o fez perceber que várias outras atividades poderiam ser gerenciadas por um produtor editorial - seguindo as diretrizes do Conselho Editorial -, que é o gerenciamento do fluxo de revisão por pares e o marketing. O uso das redes sociais para divulgar periódicos e promover autores e artigos tem crescido muito e o produtor editorial pode contribuir qualitativamente, na opinião de Marcio. O produtor editorial, como um profissional graduado e com uma formação específica, ainda não é conhecido

pelas instituições científicas. Era sempre necessária uma breve exposição sobre a profissão ao se apresentar a um possível cliente. Isso o levou a fazer outra faculdade, a de Jornalismo, para ter o registro profissional (MTB).

#### *4.3.2 Patrícia Logullo (Palavra Impressa Editora)*

Patrícia Logullo graduou-se em Jornalismo em 1994, na Faculdade Cásper Líbero, mas já em 1991 trabalhava para a Editora Atheneu como freelancer, fazendo índices remissivos para os livros de medicina e revisão de textos da área científica. Como jornalista freelancer, preferiu trabalhar em matérias de ciência e saúde para revistas e jornais. Fez parte da primeira turma do Curso de Especialização em Jornalismo Científico do LabJor (Unicamp), e fez mestrado em Ciências pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Entrou nesse mercado ao atender pesquisadores individualmente, com a revisão de monografias, teses, etc. Foi o “boca-a-boca” que a fez ser indicada para editar a Revista Brasileira de Nutrição Clínica para a Sociedade Brasileira de Nutrição Enteral e Parenteral, e a partir de 2000, passou também a trabalhar na edição das duas revistas da Associação Paulista de Medicina (APM). Nesse mesmo ano, montou um escritório e contratou uma assistente. Desde então tem trabalhado com as revistas da APM e com o atendimento a pesquisadores individuais ou de hospitais (como o Albert Einstein e o Oswaldo Cruz, ambos em São Paulo), já que a missão da Palavra Impressa é auxiliar o autor na publicação de sua obra, atuando na edição do texto, na interação com os veículos que publicam e seus editores e na concepção de novos produtos editoriais.

Para Patrícia, é importante diversificar os serviços, a fim de estreitar cada vez mais os laços com o cliente: no rol de atividades desempenhadas pela empresa está a supervisão de tradução, na qual escolhe um bom tradutor, avalia seu trabalho, testa e contrata, passos importantes na edição de um artigo científico originalmente redigido em português. Outro serviço é o de submeter eletronicamente um artigo para publicação: os sistemas eletrônicos das revistas exigem cadastro prévio de todos os autores do artigo, escolher possíveis *referees* para revisar o artigo, as revistas também solicitam que se enviem todos os documentos do artigo (texto, imagens, tabelas) separadamente, e nos formatos eletrônicos específicos. Cada revista tem uma exigência diferente. Além disso, controlam internamente as comunicações que a revista faz com o autor após a submissão, recebendo cópias de todas as mensagens enviadas ao autor

correspondente. Isso permite lembrar os clientes de que têm tarefas pendentes como o envio de mais documentos ou esclarecimentos ao editor. Assim, mantém-se sob controle, de forma centralizada, as diversas submissões que um mesmo autor tem para várias revistas, podendo inclusive cobrar respostas dos editores quando há demora. Os clientes podem ser avisados, de uma só vez, sobre o status de todos os seus artigos submetidos.

O contato com editores, autores e referres é delicado, principalmente ao abordar o rigor necessário para atender os critérios de qualidade, em detrimento de critérios políticos. Alguns autores, por exemplo, querem publicar um mesmo artigo em dois periódicos diferentes para cumprir exigências acadêmicas. Uma vez flagrada a publicação dupla do mesmo estudo, o editor pode publicar, à revelia do autor, uma nota de desagravo, o que “mancha” a reputação do pesquisador e, dependendo do caso, o autor pode até ser acionado judicialmente.

Patrícia apostou no atendimento individualizado, no qual ela busca atender as necessidades do pesquisador médico, maioria da sua clientela. É um cliente muito ocupado, que além de pesquisador, é professor e atende em consultório. Por isso, seus serviços são voltados para facilitar a produção de artigos e submissão de artigos ao máximo:

Preparamos muitos textos científicos para publicação em revistas biomédicas, auxiliando pesquisadores a encontrar um lugar certo para seus resultados, tornando-os disponíveis para toda a comunidade que produz ciência. Atendemos esses clientes em todas as etapas da produção científica: a coleta dos dados e sua interpretação, a redação dos artigos, a revisão ou edição de textos produzidos por eles, a tradução ou supervisão da tradução. Orientamos residentes sobre como planejar suas pesquisas e redigir seus artigos científicos, a começar pela pesquisa bibliográfica. Intermediamos a relação dos pesquisadores com as revistas científicas, auxiliando na argumentação, na formulação de respostas a questionamentos e facilitando a comunicação com os editores. Administramos o fluxo de produção dos clientes que têm muitos trabalhos em andamento ao mesmo tempo (como do Departamento de Hematologia do Hospital Albert Einstein). Ajudamos também alguns a redigirem e revisamos suas monografias de conclusão de cursos de especialização, suas dissertações de mestrado e suas teses de doutorado. Produzimos diapositivos para apresentarem aulas nessas defesas de tese e em congressos, e também produzimos pôsteres (conteúdo e parte gráfica) para apresentação em reuniões científicas.

A jornalista percebe que o mercado está em crescimento, tornando-se mais profissional, e fazendo que os pesquisadores busquem serviços especializados que os ajudem a alavancar a qualidade dos seus artigos e periódicos. As exigências estão maiores para publicar, agora é cada vez mais comum os periódicos exigirem que o artigo esteja em inglês e espanhol, por exemplo. Para ela, é preciso entender todo o

processo de publicação, da criação até o produto final, a fim de apresentar soluções criativas e consistentes para resolver problemas do cliente, além de ser criterioso e exigente, pois o boca-a-boca é até hoje a forma de conseguir novos clientes:

“participo de eventos e congressos para fazer networking, mas a indicação de um cliente satisfeito é a melhor forma de aumentar meu portfólio, principalmente pelo segmento médico ser um círculo restrito onde todos se conhecem.”

Apesar de não ter conhecimento sobre a profissão do produtor editorial, e não conhecer pessoas com essa formação no mercado de periódicos científicos em São Paulo, onde atua, vê a Produção Editorial, após receber explicações sobre a carreira, com competências para entrar nesse campo. Segundo ela, conhecer línguas, entender do processo de produção de impressos e digital, estar atualizado sobre as novas tecnologias e ser diplomático é um bom começo para o produtor editorial.

No Brasil, o pesquisador está pouco acostumado a contratar serviços editoriais, para ele é um mundo de pesquisadores para pesquisadores, no qual pessoas de fora não terão o conhecimento necessário para atuar. Por isso, as dificuldades que ela enfrentou seriam as mesmas para um produtor editorial iniciando nessa área: vencer a barreira de que é capaz muito mais do que apenas revisar textos e fazer normalizações. Mas isso tem mudado bastante, é cada vez maior a busca por maior qualidade e “eles não conseguem fazer isso sozinhos”. A falta de financiamento para os periódicos no Brasil também contribui, na visão de Patrícia, para uma tradição de não se buscar um profissional especializado, mas até isso ela vê como uma oportunidade, já que participou da elaboração de vários projetos para editais de financiamento.

#### *4.3.3 Gilberto Luis Camanho (Revista Brasileira de Ortopedia)*

Gilberto Luis Camanho é editor-chefe da *Revista Brasileira de Ortopedia* (RBO) desde 2009, e professor associado do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da USP desde 1990.

Para ele, editar a RBO é uma tarefa agradável, mas de muita responsabilidade, pois cada edição é julgada por mais de 8.000 ortopedistas brasileiros e por profissionais de outros países por meio da versão eletrônica que existe desde 1993: “é o cargo mais importante de minha vida acadêmica e a de maior responsabilidade na minha carreira na Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT)”.

Segundo dr. Gilberto, não há uma regra estabelecida que defina como editar uma revista médica; o corpo editorial estabelece algumas normas que o editor-chefe busca manter para que haja harmonia na revista. Já recebemos mais de 700 trabalhos nesses 32 meses que estamos na editoração da RBO. Hoje nosso cardápio se compõe de, mais ou menos, 20 itens entre temas de atualização, trabalhos originais e relatos de casos, publicados em edições bimestrais.

A RBO foi editada durante muitos anos pela Redprint, uma editora independente com outras cinco ou seis revistas médicas, todas unidas por um mesmo grupo de patrocinadores, e que eram publicadas e distribuídas com a mesma periodicidade. Para o editor:

“tratava-se de um trabalho de impressão que se assemelhava, por exemplo, à produção de um convite de casamento; os interessados fornecem dados, escolhem o formato do convite e a empresa gráfica imprime o número de convites que lhe é solicitado. O trabalho de edição era muito superficial.”

Essa forma de produzir a RBO foi, durante anos, mais do que suficiente, pois o custo era zero para a SBOT e os sócios recebiam sua revista em casa no prazo. Os editores forneciam os artigos a ser publicados, a empresa captava patrocínio com esse material e publicava a RBO sem custo para a SBOT. Contudo, o mundo da editoração médica sofreu uma grande evolução, as revistas passaram a ser indexadas por sistemas profissionais de análise de qualidade, a indexação passou a ser um critério de exigência na vida universitária, os patrocinadores começaram a exigir maior qualidade dos trabalhos e das editoras, levando a RBO a procurar outros rumos. No final da gestão anterior, estes problemas começaram a existir e, no início da gestão atual, foi contratada uma empresa de editoração, a Atha Comunicação e Editora. Com a Atha, foi estabelecido um novo padrão editorial, atendendo as exigências da maioria dos indexadores, mas foi necessária uma maior profissionalização para a captação de recursos. Houve um avanço na área editorial, que se refletiu no aumento do número e da qualidade dos trabalhos enviados para publicação. A administração da SBOT passou a ser responsável por buscar o patrocínio necessário para pagar os custos da edição e da distribuição da RBO.

Porém, dr. Gilberto ressalta que, nos últimos anos, as exigências na área editorial se tornaram muito maiores e mais específicas, e a editoração de um periódico na área médica tornou-se algo complexo, pois além da revisão de forma e conteúdo, da necessidade de melhor qualidade das imagens, de um maior rigor na análise dos

trabalhos, busca-se atingir a internacionalização. Essa nova meta coloca os artigos em sistemas universais de busca, qualifica as revistas segundo padrões mundialmente estabelecidos, confere o fator de impacto segundo as citações da revista no universo editorial.

“Este é o degrau mais alto que uma revista pode atingir no momento. Ser objeto de consulta e ser citada de forma internacional é um grau desejável pelas mais importantes revistas na área médica, para que sejam alimentadas pelos melhores autores que desejam ver seus trabalhos expostos ao mundo científico.”

O recente contrato com a editora Elsevier veio para iniciar essa nova fase. O editor ressalta que a revista estava em um bom momento, pois dispõe de um acervo grande de artigos de qualidade; mantém um nível de recusa de trabalhos em torno de 25 a 30%, tem um fluxo constante de submissão de artigos; e são citados. A editora Atha, na visão do médico, prestou um excelente serviço de editoração, fazendo da RBO uma boa revista nacional, mas não proporcionou um nível internacional. A decisão de permanecer neste patamar foi considerada, mas por outro lado, a SBOT é uma sociedade com mais de dez mil sócios, com inserções em sociedades internacionais e é uma importante liderança na América Latina. Assim, a decisão de partir para “o próximo degrau”, a internacionalização, foi avaliada pelas diretorias e todas foram unânimes em seguir esse caminho.

Foi um investimento para o médio e longo prazo, que propiciará a mudança em alguns aspectos da seleção dos trabalhos, criando duas instâncias de análise, uma na área de forma e estrutura, com o suporte da Elsevier, e outro na área de qualidade de conteúdo, com o suporte dos editores médicos. Isso fez com que a estrutura da revista também tenha que sofrer mudanças, com a seleção de editores assistentes por áreas, para que julguem a oportunidade e a originalidade do artigo e atinjam um índice de rejeição próximo aos 50%. Haverá uma área de suporte para os autores, dado pela editora e pelos nossos editores associados, para que as recusas se transformem em material didático na formação de bons autores segundo os padrões internacionais de produção científica, além da submissão online gerenciada também pela Elsevier.



#### 4.3.4 Eduardo Henrique Diniz (*Revista de Administração de Empresas*)

Eduardo Henrique Diniz é professor da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e editor-chefe da Revista de Administração de Empresas (RAE) desde 2009. O periódico foi lançado em maio de 1961, com perfil acadêmico-científico, e dedicado a professores, pesquisadores e estudantes. A ideia era que a revista divulgasse e conferisse visibilidade à EAEESP, ajudando a recém-criada escola a consolidar sua imagem de centro gerador de conhecimento sobre a realidade administrativa do Brasil.

É o mais tradicional periódico acadêmico-científico de administração no Brasil, com publicação ininterrupta desde seu lançamento. O Fator de Impacto da RAE no JCR, em 2012, foi de 0,129, e foi qualificada como A2, na classificação do Qualis/Capes.

Para Eduardo, a profissionalização é o caminho para fortalecer a qualidade dos periódicos científicos num ambiente de crescente internacionalização. As estratégias para atingir esse objetivo têm sido aumentar a visibilidade internacional sem perder a representatividade regional na autoria dos artigos e repensar a estrutura e processo editoriais para a melhoria da qualidade e ganho de eficiência.

Segundo o editor, o processo de gestão editorial de um periódico é o mais visível para a comunidade acadêmica quando se pensa a respeito do cargo de editor-chefe de periódicos científicos. No entanto, ele afirma que são os outros processos administrativos da publicação do periódico que consomem mais tempo do dia-a-dia. Várias atividades da revista são terceirizadas, como revisão de texto, tradução (inglês e espanhol), produção gráfica, impressão e distribuição. Também utiliza dois sistemas de informática: o sistema de gestão de publicações e o sistema de gestão de assinantes. Por essa razão, é necessário ter uma equipe responsável e comprometida que possa auxiliar o editor para que a qualidade de conteúdo não fique comprometido, pois este último é o que referenda a publicação.

A equipe interna da RAE conta com o apoio de seis membros, porém nenhum formado em Produção Editorial. Eduardo desconhecia essa profissão, mas achou interessante o perfil desse profissional, uma vez ele gostaria que seu trabalho fosse dividido com o que denomina de *publisher*: uma pessoa responsável pelo processo de publicação; infraestrutura de submissão e avaliação para aumento de eficiência e redução de prazos; relacionamento com fornecedores de serviços de revisão, tradução e

gráficos a fim de otimizar custos e garantir qualidade editorial; relacionamento com assinantes e outros usuários da base de periódicos; controle da ouvidoria; e gerenciamento do acervo. Assim, o gerenciamento da equipe interna seria da responsabilidade do *publisher* e o editor-chefe ficaria responsável pelo selo de qualidade científica, ao estabelecer o processo de avaliação de artigos; selecionar os revisores; representar os interesses do leitor; definir e comunicar diretrizes; garantir qualidade, coerência e diversidade de pensamento; contribuir para o avanço do conhecimento; e manter a originalidade e o rigor científico.

O editor acredita que a revista caminha para um projeto de internacionalização, e considera “interessante” a contratação de uma editora internacional. Segundo ele, a revista recebeu uma proposta para editar o periódico, mantendo-o em acesso aberto para o Brasil e pago para outros países, mas a instituição foi contra essa proposta, pois acredita que o acesso aberto deve ser global. O diferencial de uma editora internacional, na opinião do editor, seria que, “com sua estrutura, sua experiência e com a grande escala que ele tem, ele teria um custo médio por artigo menor do que a instituição tem hoje”. Além disso, a editora tem uma presença internacional forte, “tem contato com as bases de dados, ele está presente em congressos, a gente pode divulgar melhor (...) ajudaria na internacionalização”.

## 5. CONCLUSÃO

A comunicação científica é um importante instrumento da ciência, pois além de comunicar os demais cientistas e a sociedade sobre o desenvolvimento e os rumos da ciência propriamente dita, é por meio da comunicação que a construção de um conhecimento científico se propaga.

Nesse âmbito, os periódicos científicos são considerados os veículos mais comuns e importantes na comunicação da ciência, desempenhando um papel central no desenvolvimento do conhecimento científico e assumindo funções diversas: a de memória e arquivo do conhecimento ali disponível, a de formalização desse conhecimento, a de responsável por refletir a produção científica das diversas áreas do conhecimento, e a de instrumento de comunicação entre os diversos pesquisadores.

No contexto brasileiro, foi verificado um enorme crescimento do número de periódicos e artigos publicados nos últimos 10 anos, alcançando a 13ª colocação no ranking mundial da produção científica. Esse crescimento foi provocado por uma política de forte valorização da publicação como forma de avaliação das atividades de pesquisadores individuais ou da produção científica do país como um todo.

Entretanto, o crescimento na produção científica brasileira não foi correspondido por um aumento na qualidade. Segundo Packer (2009), são vários os fatores: a dispersão das entidades de editoração e publicação; a persistência de amadorismo e corporativismo nas políticas, gestão e operação dos processos editoriais; a reduzida cooperação internacional na editoração dos periódicos e autoria dos artigos; a publicação predominante em português; e a resistência de pesquisadores e gestores da ciência em valorizar os periódicos nacionais.

Neste estudo, buscou-se contribuir com o entendimento sobre as características que envolvem a produção editorial dos periódicos científicos brasileiros, produto editorial com aspectos formais definidos em mais de 300 anos de existência. Foi constatado que a maioria dos editores no Brasil não possui formação adequada para exercer suas funções principais, além de terem outras atribuições que dividem sua atenção e dedicação.

O produtor editorial, por sua formação especializada, congrega as competências necessárias para atuar nas diversas atividades que compõe a gestão editorial e de produção do periódico científico, abrindo assim novas oportunidades de atuação para a profissão.

A gestão editorial representa o acompanhamento do processo de submissão e de avaliação dos artigos, visando selecionar e publicar conhecimento de qualidade para a área. Para isso, conta-se com diversos atores que colaboram nesse processo, sendo esses, além do editor, os avaliadores, o corpo editorial científico e o comitê de política editorial. Já a gestão da produção representa o processo de publicação do periódico em si, envolvendo, na maior parte dos casos, produção editorial e gráfica, gestão administrativa e financeira, comunicação e marketing, atividades necessárias para que o produto periódico possa ser publicado.

Foram realizadas entrevistas com diversos atores que atuam no gerenciamento e produção de um periódico, buscando entender as oportunidades de mercado de diferentes *players* nesse segmento:

- dos editores-chefe, que contratam os serviços especializados;
- de editoras de pequeno porte, que oferecem um leque de serviços editoriais mais tradicionais, como revisão de texto, produção gráfica, normalização, etc;
- de editoras comerciais, que oferecem tecnologias de ponta para alavancar a visibilidade internacional do periódico.

A partir dos depoimentos, foi constatado que a profissão não é conhecida pelos editores. A falta de visibilidade do produtor editorial fora do âmbito das editoras é uma realidade, mas o espírito empreendedor do profissional pode reverter essa situação. Os editores buscam serviços principalmente de pequenas editoras para iniciar o processo de alavancar a qualidade formal dos periódicos.

Já as grandes editoras comerciais fazem uso desse profissional e o valorizam. Com a meta dos editores em internacionalizar seus periódicos e incrementar índices como o Fator de Impacto e Qualis, a procura por grandes editoras internacionais só tende a aumentar. Isso já é sentido com as gigantes do setor que já atuam no Brasil, como a Elsevier e Springer, se voltando para o mercado brasileiro de forma mais agressiva, e pela recente abertura de filiais no país pela Wiley e Thieme.

## REFERÊNCIAS

BARBALHO, Célia Regina Simonetti. Periódico científico: parâmetros para avaliação de qualidade. In: FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; TARGINO, Maria das Graças (orgs). *Preparação de revistas científicas: teoria e prática*. São Paulo: Reichman&Autores Editores, 2005.

BARRADAS, Maria Mércia. Prefácio. In: FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto;

BIOJONE, M.R. *Forma e função dos periódicos científicos na comunicação da ciência*. Mestrado. 107 fls. 2001. Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

BOMFÁ, Cláudia Regina Ziliotto. *Modelo de gestão de periódicos científicos eletrônicos com foco na promoção da visibilidade*. 2009. 238f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92734/270199.pdf?sequence=1>>  
> Acesso em: 20 agosto 2013

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Diretoria de Avaliação. *Comunicado nº 002/2012 - Área de Ciências Aplicadas I*. 2012.

CAMPOS, José Nilson B. Qualis periódicos: conceitos e práticas nas Engenharias I. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, vol.7, n.14, 2010.

CAPES. *História e Missão*. 2010. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/historia-e-missao>>. Acesso em 26 de Julho de 2013.

CRUZ, Elaine Drehmer de Almeida. Avaliação CAPES de Programas de Pós-Graduação em Enfermagem e o Qualis de periódicos científicos: aproximação e desafios. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, vol.3, n.4, 2011.

FACHIN, G. R. B.; HILLESHEIM, A. I. A. *Periódico científico: padronização e organização*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

FREITAS, M.H.A. *Origens do periodismo científico no Brasil*. 2005. 128f. Dissertação (Mestrado em História da Ciência). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

\_\_\_\_\_. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. *Ciência da Informação*. Brasília, DF, v. 35, n. 3, p. 54-66, set.-dez. 2006.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOIS, A. Produção científica cresce 56% no Brasil. *Folha de S. Paulo* [on-line], São Paulo, Ciência, 6 de maio de 2009. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u561181.shtml>> Acesso em: 02 setembro 2013

GOMES, Valdir Pereira. O editor de revista científica: desafios da prática e da formação. *Informação & Informação*, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 147-172, set. 2010.

Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/5579>>. Acesso em: 05 Julho 2013.

GRUSZYNSKI, A. C. ; GOLIN, Cida ; CASTEDO, Raquel da Silva . Produção editorial e comunicação científica: uma proposta para edição de revistas científicas. *E-Compós*, Brasília, v. 11, p. 1-17, 2008.

GUMIEIRO, Katiucia Araujo; COSTA, Sely Maria de Souza. O uso de modelos de negócios por editoras de periódicos científicos eletrônicos de acesso aberto.

*Perspectivas em Ciência da Informação*, v.17, n.4, p.100-122, out./dez. 2012

LANCASTER, F. W. *The evolution of electronic publishing*. Library Trends, Urbana, v. 43, n. 4, p. 518-527, 1995.

LE MOS, A.A.B. Presente e futuro do periódico científico. *Correio Brasiliense*, Brasília, DF, Caderno Cultural, p. 3, 13 jul. 1968. Disponível em: <[http://www4.unirio.br/museologia/textos/presente\\_e\\_futuro\\_periodico.pdf](http://www4.unirio.br/museologia/textos/presente_e_futuro_periodico.pdf)>. Acesso em: 07 julho 2013

MEADOWS, A. J. Os periódicos científicos e a transição do meio impresso para o eletrônico. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 25, n. 1, p. 5-14 jan/jun 2001. Disponível em: <<http://www.unb.br/fa/cid/rbb/25012001/jack.pdf>>. Acesso em: 15 julho 2013.

\_\_\_\_\_. *A Comunicação Científica*. (tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos) Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MENEGHINI, R. Inusitado aumento da produção científica. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 maio 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1205200909.htm>> Acesso em: 23 de agosto de 2013

MIRANDA, D. B. de; PEREIRA, M. N. F. O periódico científico como veículo de comunicação: uma revisão de literatura. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, n. 3, p. 375-382, set./dez. 1996.

MOUTINHO, Sofia. Scielo: é hora de mudança. *Ciência Hoje On-line*, 25/09/2012. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/noticias/2012/09/e-hora-de-mudanca>. Acesso em: 02 setembro 2013.

MUELLER, Suzana P. M.; PASSOS, E.J.L. O círculo vicioso que prende os periódicos nacionais. *Datagramazero*. Rio de Janeiro, v. 0 inic, n. 0, p. 2, 1999.

PACKER, Abel L. Os periódicos brasileiros e a comunicação da pesquisa nacional. *Rev. USP*, São Paulo, n. 89, maio 2011. Disponível em: <[http://rusp.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-99892011000200004&lng=pt&nrm=iso](http://rusp.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-99892011000200004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 11 novembro 2013.

\_\_\_\_\_. SciELO: uma metodologia para publicação eletrônica. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 27, n.2, p.109-121, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n2/scielo.pdf>>. Acesso em: 02 agosto 2013.

\_\_\_\_\_.; MENEGHINI, Rogério. Visibilidade da produção científica. In: Poblacion, Dinah Aguiar (org). *Comunicação & produção científica: contexto, indicadores e avaliação*. São Paulo: Angellara, 2006. p. 237-259.

PESSANHA, Charles. Critérios editoriais de avaliação científica: notas para discussão. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 226-229, maio/ago. 1998

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SABATTINI, Marcelo. *Publicações científicas eletrônicas na Internet: modelos, padrões e tendências*. 256 fls. 1999. Dissertação (mestrado). Universidade Metodista de São Paulo. Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social. São Bernardo do Campo, 1999.

SAMPAIO, M. I. C.; SABADINI, A. A. Z. P.; LINGUANOTTO, A. R. J. Periódicos científicos: características e exigências. *Mudanças: Psicologia da Saúde*, 10(18), 184-200, 2002.

\_\_\_\_\_.; SABADINI, Aparecida Angelica Zoqui Paulovic. Indexação e Fator de Impacto. In: SABADINI, Aparecida Angelica Zoqui Paulovic; SAMPAIO, Maria Imaculada Cardoso; KOLLER, Silvia Helena. (orgs). *Publicar em psicologia: um enfoque para a revista científica*. São Paulo: Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia/Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009. 216 p.

\_\_\_\_\_.; SERRADAS, Andre. Os movimentos de acesso aberto, os repositórios e as revistas científicas. In: SABADINI, Aparecida Angelica Zoqui Paulovic; SAMPAIO, Maria Imaculada Cardoso; KOLLER, Silvia Helena. (orgs). *Publicar em psicologia: um*



*ênfoque para a revista científica*. São Paulo: Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia/Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009. 216 p.

SANDES-GUIMARÃES, Luisa Veras de. *Gestão de periódicos científicos: um estudo com revistas da área de Administração*. Dissertação. 143 fls. 2013. Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2013.

SECAF, Victoria. *Artigo científico: do desafio à conquista*. 3. ed. São Paulo: Green Forest do Brasil, 2004. 147 p.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. *Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing rounded theory*. 2. ed. Thousand Oaks/CA: SAGE, 1998.

STUMPF, I.R.C. Passado e futuro das revistas científicas. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 25, n. 3, p. 383-386, 1996. Disponível em: <[revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/download/463/422](http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/download/463/422)>. Acesso em: 3 setembro 2013.

\_\_\_\_\_. *Reflexões sobre as revistas brasileiras*. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/3369/3953>>. Acesso em: 3 setembro 2013.

\_\_\_\_\_. *A comunicação da ciência na UFRGS: relato de pesquisa*. In: III Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Porto Alegre: UFRGS, 1997, 21 p.

TARGINO, Maria das Graças (org). *Preparação de revistas científicas: teoria e prática*. São Paulo: Reichmann & Autores, 2005.

TRIVINÔS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TRZESNIAK, Piotr. *Divulgação científica. I Simpósio sul-brasileiro de editoração científica*. Umuarama, PR, 2002.

VALERIO, Palmira M.; PINHEIRO, Lena V. R. Da comunicação científica à divulgação. *Revista Transinformação*, Campinas, n.20 v.2, p. 159-169, mai./ago., 2008. Disponível em: < <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/532/512>>. Acesso em: 21 outubro 2003.

VOLPATO, Gilson L.; FREITAS, E. G. Desafios na publicação científica. *Pesq. Odontol. Bras.*, São Paulo, v. 17, suplemento 1, p. 49-56, 2003. Disponível em: <<http://www.sbpqo.org.br/suplementos/49%20-%20Volp.pdf>>. Acesso em: 21 outubro 2003.

\_\_\_\_\_. *Ciência: da filosofia à publicação*. 5 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, Vinhedo: Scripta, 2007, 245p.

WEITZEL, Simone R. Revendo critérios referentes à revista eletrônica. In: Ferreira, Sueli M. S. P.; Targino, Maria das Graças. *Preparação de revistas científicas – teoria e prática*. Reichmann e Autores, São Paulo, p. 161-193, 2005.

## ANEXOS

### Roteiro de entrevista semi-estruturada

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	QUESTÕES GERAIS
Histórico	Tempo de mercado Motivo que levou o entrevistado a trabalhar com periódicos Principais marcos na trajetória da empresa
Produção de periódicos científicos	Quais as maiores dificuldades dos editores científicos na produção de um periódico? O que leva o editor a contratar uma editora/freelancer? Como é a relação entre editora/freelancer e editor? Como a editora tem contribuído para a melhoria da qualidade formal/visibilidade dos periódicos do seu portfólio?
Produtor Editorial	Conhece a profissão de Produtor Editorial? Em sua opinião, o Produtor Editorial congrega as competências necessárias para atuar no mercado de periódicos científicos? Quais atividades o Produtor Editorial poderia desempenhar? O que identifica como novas oportunidades e como novos problemas para o Produtor Editorial no mercado de periódicos científicos? É necessária alguma experiência específica anterior para atuar nessa área? É necessária alguma formação complementar para atuar nessa área?